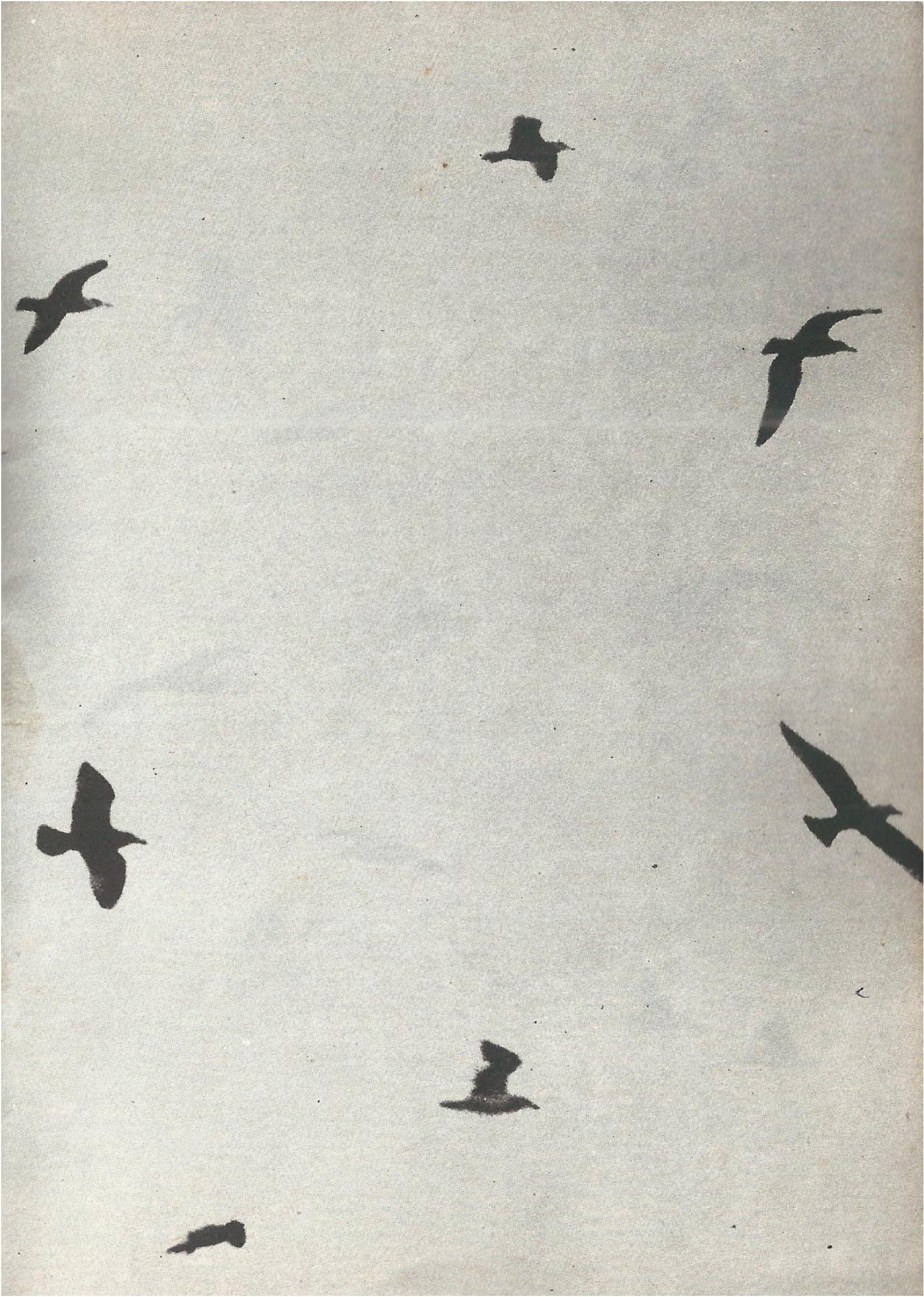


RICHARD BACH

A
HISTÓRIA
DE
**FERNÃO
CAPELO
GAIVOTA**


nordica







Fernão
Capelo
Gaiivota



Índice

Primeira Parte -----	13
Segunda Parte -----	67
Terceira Parte -----	116





Fernão
Capelo
Gaiivota

RICHARD BACH

fotografias de
Russell
Munson



nordica





Todos os direitos reservados sob a legislação em vigor. É proibido reproduzir este livro, no todo ou em parte, ou transmitir o seu texto sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, sendo especialmente *interditada a sua reprodução em fotocópias (xerox)*, por gravação ou por qualquer outro sistema, em antologias, livros didáticos etc., a não ser após autorização específica e por escrito da Editorial Nórdica. Esta autorização só é desnecessária em caso de citação nos meios de comunicação com finalidade crítica.

Título original:

JONATHAN LIVINGSTON SEAGULL, a story.

© 1970, Richard D. Bach, Nova York.

Fotografias de
Russell Munson

Tradução de
Antônio Ramos Rosa e
Madalena Rosález

Revisão do texto por
Jaime Bernardes

Direitos adquiridos para a língua portuguesa por:

EDITORIAL NÓRDICA LTDA.

Rua Oito Dezembro, 353
20550 Rio de Janeiro RJ

Fone: (021) 284-8848.
Telegramas: Nórdica, Rio de Janeiro.
Telex: (021) 31810 NOCA BR.

Impresso no Brasil — ref. 010

ISBN 85-7007-040-3

Impressão e Acabamento

GRAPHOS

Rua Santo Cristo, 70/78 — Tel.: 223-1272

Ao verdadeiro
Fernão Capelo Gaivota
que vive em todos nós.







Primeira Parte





Era de manhã

e o novo sol cintilava nas rugas de um mar calmo.

A dois quilômetros da costa, um barco de pesca acariciava a água. Subitamente, os gritos do Bando da Alimentação relampejaram no ar e despertaram um bando de mil gaivotas, que se lançou precipitadamente na luta pelos pedacinhos de comida. Amanhecia um novo dia de trabalho.

Mas lá ao fundo, sozinho, longe do barco e da costa, Fernão Capelo Gaivota treinava. A trinta metros da superfície azul brilhante, baixou os seus pés com membranas, levantou o bico e tentou a todo custo manter suas asas numa dolorosa curva. A curva fazia com que voasse devagar, e então sua velocidade diminuiu até que o vento não fosse

mais que um ligeiro sopro, e o oceano como que tivesse parado, abaixo dele. Cerrou os olhos para se concentrar melhor, susteve a respiração e forçou . . . só . . . mais . . . um . . . centímetro . . . de . . . curva . . . Mas as penas levantaram-se em turbilhão, atrapalhou-se e caiu.

Como se sabe, as gaivotas nunca se atrapalham, nunca caem. Atrapalhar-se no ar é para elas desgraça e desonra.

Mas Fernão Capelo Gaivota — sem se envergonhar, abrindo outra vez as asas naquela trêmula e difícil curva, parando, parando . . . e atrapalhando-se outra vez! — não era um pássaro vulgar.

A maior parte das gaivotas não se preocupa em aprender mais do que os simples fatos do vôo — como ir da costa à comida

e voltar. Para a maioria, o importante não é voar, mas comer. Para esta gaivota, contudo, o importante não era comer, mas voar. Antes de tudo o mais, Fernão Capelo Gaivota adorava voar.

Esta maneira de pensar não o popularizava entre os outros pássaros, como veio a descobrir. Até os próprios pais se sentiam desanimados ao vê-lo passar dias inteiros fazendo centenas de vôos rasantes, sozinho.

Ele não sabia por que, por exemplo, quando voava sobre a água a uma altitude menor que a metade do comprimento das suas asas abertas, podia manter-se no ar mais tempo, com menos esforço. Esses vôos rasantes não terminavam com a habitual amaragem de pés hirtos que feriam a água. Ele amarava de mansinho, os pés apertados contra o cor-

po, deixando apenas um rasto borbulhante. Quando começou a treinar as aterragens deslizantes na praia, e a contar em passos o comprimento do rasto na areia, os pais começaram a ficar deveras desanimados.

— Por quê, Fernão, por quê? — perguntava-lhe a mãe. — Por que é que lhe custa tanto ser como o resto do bando? Por que você não deixa os vôos baixos para os pelicanos, para o albatroz? Por que não come? Filho, você está que é só pena e osso!

— Não me importo de estar pena e osso, mãe. Eu só quero saber o que posso fazer no ar e o que não posso, é tudo. Só quero saber isso.

— Escute, Fernão — disse-lhe o pai com bondade. — O inverno não está longe. Haverá poucos barcos e o peixe da superfície

irá para zonas mais profundas. Se você tem necessidade de estudar, então estude o alimento e como consegui-lo. Esta história dos vôos está muito certa, mas você tem de pensar que não pode comer um vôo rasante. Não esqueça que a razão por que você voa é comer.

Fernão baixou a cabeça, obediente. Nos dias seguintes tentou comportar-se como as outras gaivotas; tentou de fato, gritando e lutando como o resto do bando, em volta dos pontões e dos barcos de pesca, mergulhando sobre restos de peixe e de pão. Mas não conseguiu.

“Não faz sentido”, pensava ele largando deliberadamente uma anchova succulenta, que lhe custara bastante a ganhar, aos pés de uma velha gaivota esfomeada que o acos-

sava. “Não faz sentido . . . Eu podia ganhar todo este tempo aprendendo a voar. Há tanto que aprender!”

Não tardou muito que Fernão Gaivota voltasse a pairar no céu, sozinho, longínquo, esfomeado, feliz, aprendendo.

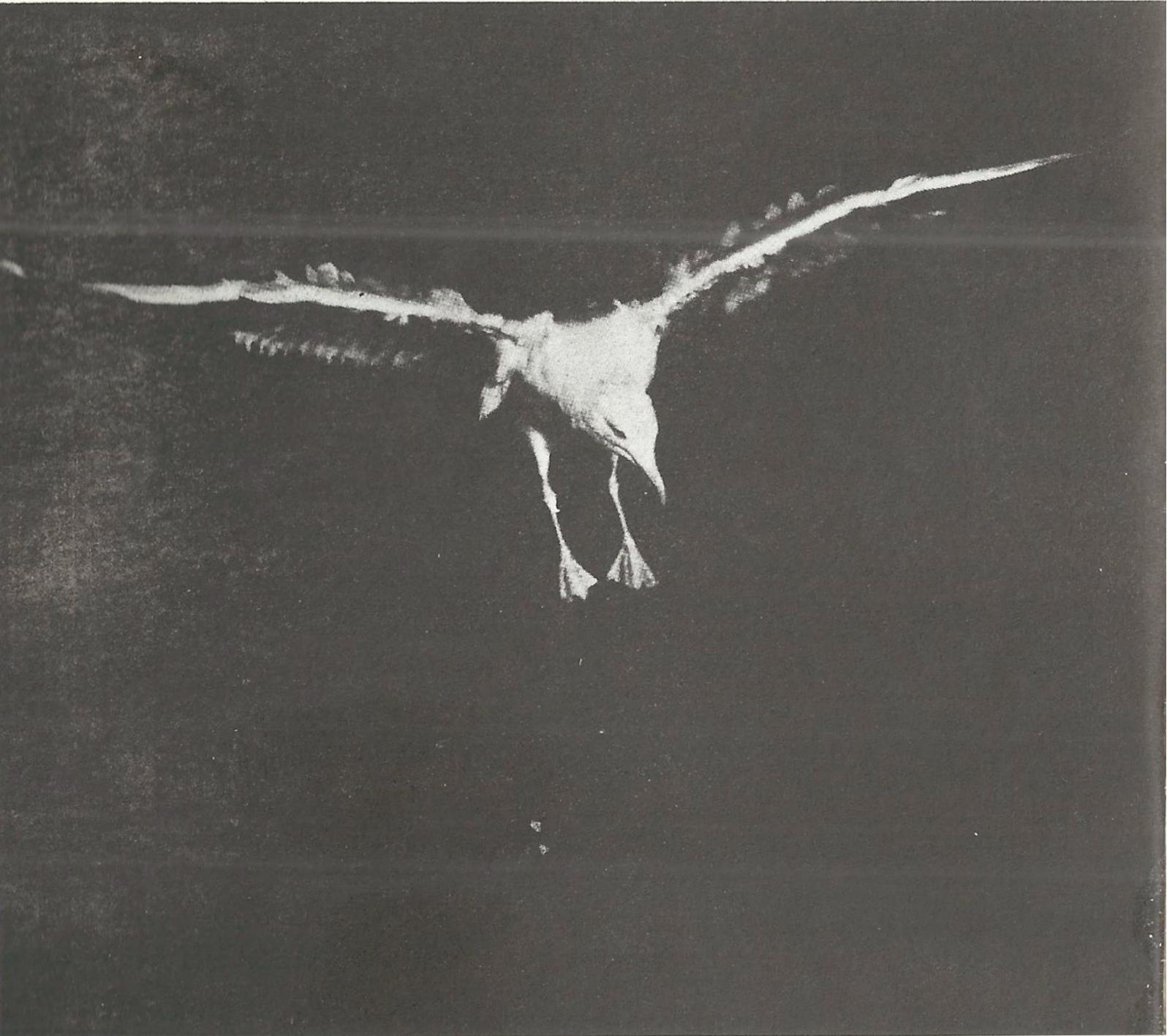
O tema era a velocidade. Ao cabo de uma semana de prática, conseguira aprender mais sobre velocidade do que a gaivota viva mais rápida.

A trezentos metros de altura, batendo as asas com toda a força de que era capaz, lançou-se numa vertiginosa picada direta às ondas e aprendeu por que razão as gaivotas não fazem vertiginosos mergulhos picados. Em escassos seis segundos passou a mover-









se a cento e vinte quilômetros por hora, velocidade que desequilibra a asa no arranque para a subida.

Veza após veza sucedeu o mesmo. Por mais cuidadoso que fosse, trabalhando até o limite da sua capacidade, perdia o controle em alta velocidade.

Subir a trezentos metros, dando primeiro tudo em frente; depois, dobrar o corpo e cair em mergulho vertical. Mas, sempre que tentava subir outra veza, a asa esquerda atrapalhava-se e fazia-o rolar violentamente para a esquerda. Ao tentar recuperar, era a asa direita que se atrapalhava, e então tremeleava como as chamas, num selvático movimento desordenado de parafuso, girando para a direita.

Não conseguia ser suficientemente cuida-

doso naquele arranque. Dez vezes tentou e dez vezes alcançou os cento e vinte quilômetros por hora, acabando sempre numa agitada massa de penas descontroladas que ia esmagar-se na água.

“A chave”, pensou por fim, “deve estar em manter as asas paradas nas grandes velocidades — batê-las até chegar aos cento e vinte e depois pará-las.”

Tentou outra vez a seiscentos metros, lançando-se no mergulho com o bico espetado, as asas bem abertas e firmes a partir do momento em que ultrapassou os cento e vinte quilômetros por hora. Precisou de uma força tremenda, mas deu resultado. Em dez segundos transformou-se numa mancha no céu, a cento e trinta quilômetros por hora. Fernão

acabava de estabelecer um recorde mundial de velocidade para gaivotas!

Mas a vitória durou pouco. No instante em que tentou a horizontal, no instante em que modificou o ângulo das asas, projetou-se outra vez naquele terrível desastre descontrolado, e, a cento e trinta quilômetros, foi como se tivesse sido atingido por dinamite. Fernão Gaivota explodiu a meia altura e esmagou-se num mar duro como um tijolo.

Quando voltou a si, a noite já era velha. Flutuava à superfície negra do oceano, encharcado em luar. As asas eram enormes e esfarrapadas barras de chumbo, mas o fracasso pesava-lhe ainda mais nas costas. Desfalecido, desejou que o peso fosse bastante

para o arrastar docemente até o fundo, e acabar com tudo.

Ao afundar-se na água, uma estranha voz cavernosa soou dentro dele. “Não há nada a fazer. Sou uma gaivota. A minha natureza limita-me. Se estivesse destinado a aprender tanto acerca do vôo, teria mapas em vez de miolos. Se estivesse destinado a voar a altas velocidades, teria asas curtas como o falcão e viveria de ratos em vez de peixes. O meu pai tem razão. Devo esquecer esta loucura. Devo regressar ao seio do bando e contentar-me com o que sou, uma pobre e limitada gaivota.”

A voz sumiu-se e Fernão acordou. Uma gaivota passa a noite em terra . . . A partir desse momento, jurou tornar-se uma gaivota normal. Seriam todos felizes.

Morto de cansaço, arrancou-se da água densa e voou para terra, grato pelo que aprendera: a forma de poupar trabalho voando a baixa altitude.

“Mas não!”, pensou. “O que eu era acabou-se; acabou-se tudo o que aprendi. Sou uma gaiivota como outra qualquer e voarei como uma delas.” Assim, subiu dolorosamente a trinta metros e bateu as asas com mais força, apressando-se a chegar a terra.

Sentiu-se melhor depois da decisão de ser apenas mais um dos do bando. Daí em diante não haveria mais laços a prendê-lo à força que o levara a aprender, não haveria mais desafios nem mais fracassos. E era bom deixar de pensar, e voar no escuro em direção às luzes da praia.

“Escuro!” A voz irreal estalou em alarma.
“As gaivotas nunca voam no escuro!”

Mas Fernão não prestava atenção e não a ouvia. “É bom”, pensava. “A lua e as luzes brincando na água, atirando à noite pequenos lampejos, e tudo tão calmo, tão parado . . .”

“Desça! As gaivotas nunca voam no escuro! Se estivesse destinado a voar no escuro você teria olhos de coruja! Teria mapas em vez de miolos! Teria as asas curtas do falcão!”

Envolto na noite, a trinta metros no ar, Fernão Capelo Gaivota . . . pestanejou. A dor e as resoluções desvaneceram-se.

Asas curtas. As asas curtas do falcão!

“É isso! Como fui louco! Tudo o que preciso é de uma asinha curta, tudo o que preci-

so é fechar as asas o mais que puder e voar só com as pontas! Asas curtas!”

Subiu a seiscentos metros acima do negro mar e, sem pensar um momento no fracasso ou na morte, apertou as asas de encontro ao corpo, deixou que apenas as pontas das asas cortassem o vento como lâminas de punhal e mergulhou na vertical.

O vento era o rugido de um monstro na sua cabeça. Cem quilômetros por hora, cento e trinta, cento e oitenta, e ainda mais depressa. A tensão nas asas, agora que se deslocava à velocidade de duzentos quilômetros por hora, não chegava a ser tão forte como antes, a cento e trinta, e bastou-lhe mover só um bocadinho a ponta das asas para sair da queda sem dificuldade e disparar por cima das





ondas como uma bala cinzenta de canhão apontada à lua.

Semicerrou os olhos para se proteger do vento e regozijou-se. Duzentos quilômetros por hora! E controlados! Se mergulhasse de mil e quinhentos metros, em vez de seiscientos, que velocidade . . .

As promessas de momentos antes estavam esquecidas, varridas por aquele enorme vento rápido. E, contudo, não sentia remorso por não cumprir as promessas que fizera a si próprio. “Essas promessas são só para as gaiivotas que aceitam o vulgar. Quem conseguiu chegar à excelência da sua aprendizagem não tem necessidade desse tipo de promessa.”

Quando o sol começou a romper, Fernão Gaiivota treinava outra vez. Vistos de mil e

quinhentos metros, os barcos de pesca eram pontinhos escuros no azul liso da água, e o Bando da Alimentação uma apagada nuvem de átomos de poeira, movendo-se em círculo.

Ele estava vivo, ligeiramente trêmulo de prazer, orgulhoso de que o seu medo estivesse dominado. Então, sem cerimônias, cingiu-se com as asas anteriores, estendeu as curtas, colocando as pontas em ângulo, e mergulhou diretamente em direção ao mar. Quando passou os mil e duzentos metros, deslocava-se à velocidade máxima e o vento era um sólido muro de som contra o qual não podia mover-se mais depressa. Voava agora em pleno mergulho, à velocidade de trezentos e vinte quilômetros por hora. Engolia em seco, sabendo que se as asas se abrissem àquela velocidade ficaria reduzido a um milhão de pequenos

fragmentos de gaivota. Mas a velocidade era poder, e era alegria e beleza pura.

Começou o desvio a trezentos metros. As pontas das asas vibravam e ressoavam contra o vento gigante. O barco e a multidão de gaivotas cresciam à velocidade de um meteoro e lançavam-se diretamente no seu caminho.

Não podia parar; e ainda nem sabia como iria virar àquela velocidade.

A colisão seria morte instantânea.

Era melhor fechar os olhos.

Aconteceu então nessa manhã, logo a seguir ao nascer do sol, que Fernão Gaivota atravessou o Bando da Alimentação como uma bala, riscando o céu a trezentos quilômetros por hora, de olhos fechados, num tremendo rugido de vento e penas. A Gaivota

da Fortuna sorriu-lhe desta vez e ninguém foi ferido.

Na altura em que espetou o bico para o céu, ainda frechava o ar a duzentos e quarenta quilômetros por hora. Quando por fim diminuiu para trinta e voltou a abrir as asas, o barco era apenas uma migalha no mar, mil e duzentos metros abaixo.

Na sua mente latejava o triunfo. Velocidade máxima! Uma gaivota a trezentos e vinte quilômetros por hora! Era uma vitória, o maior momento da história do bando; e, nesse mesmo momento, nasceu uma nova era na vida de Fernão Gaivota. Voando para a sua solitária zona de treino, encolhendo as asas para um mergulho de dois mil e quatrocentos metros, dispôs-se imediatamente a descobrir como virar.

O movimento de um centímetro numa única pena da ponta da asa produzia uma curva larga e suave, a tremenda velocidade, descobriu ele. Contudo, antes de descobrir isto, verificou que, se movesse mais de uma pena àquela velocidade, era disparado em movimento giratório como uma bala de espingarda . . . E Fernão fez as primeiras acrobacias aéreas de uma gaivota viva.

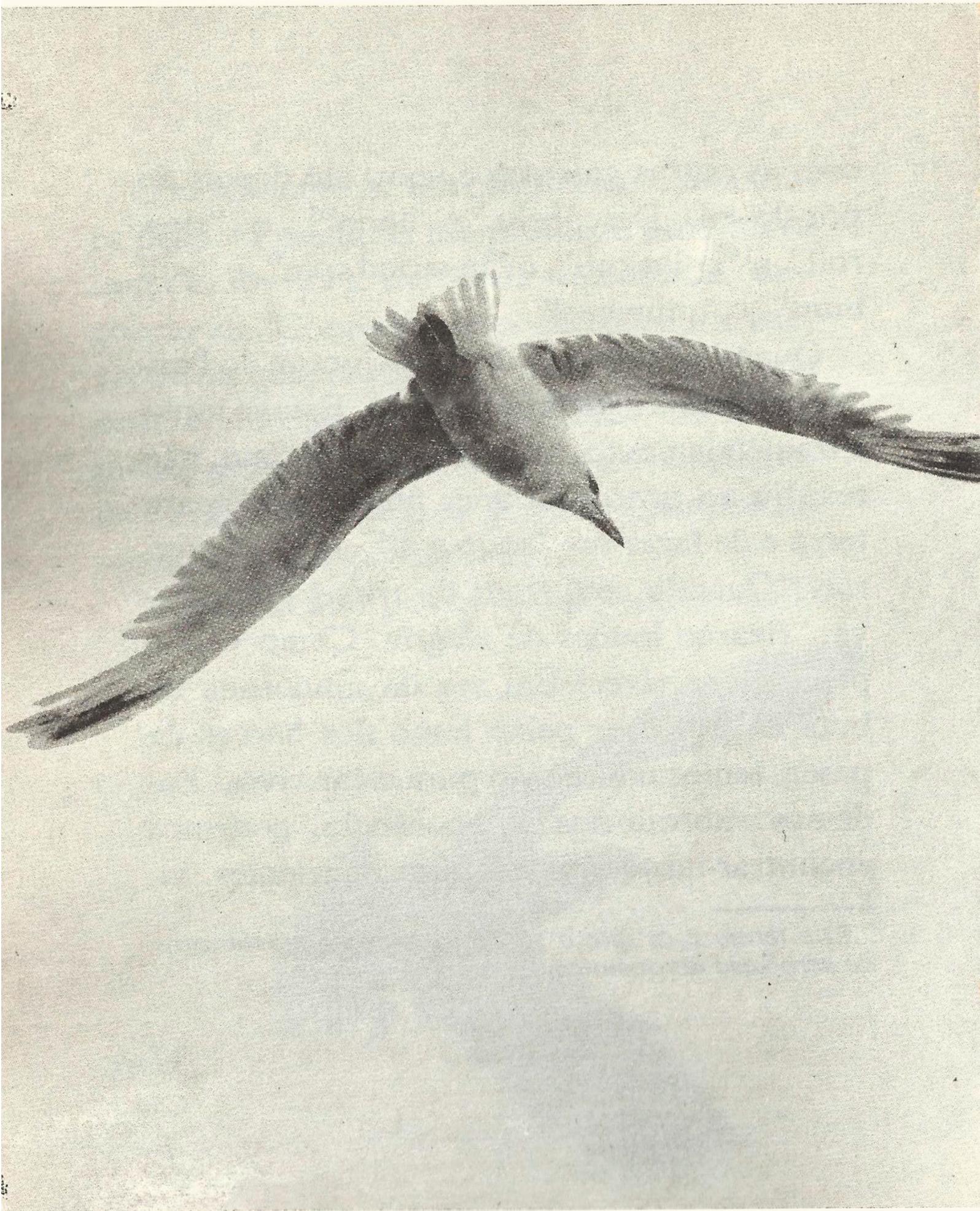
Nesse dia não perdeu tempo conversando



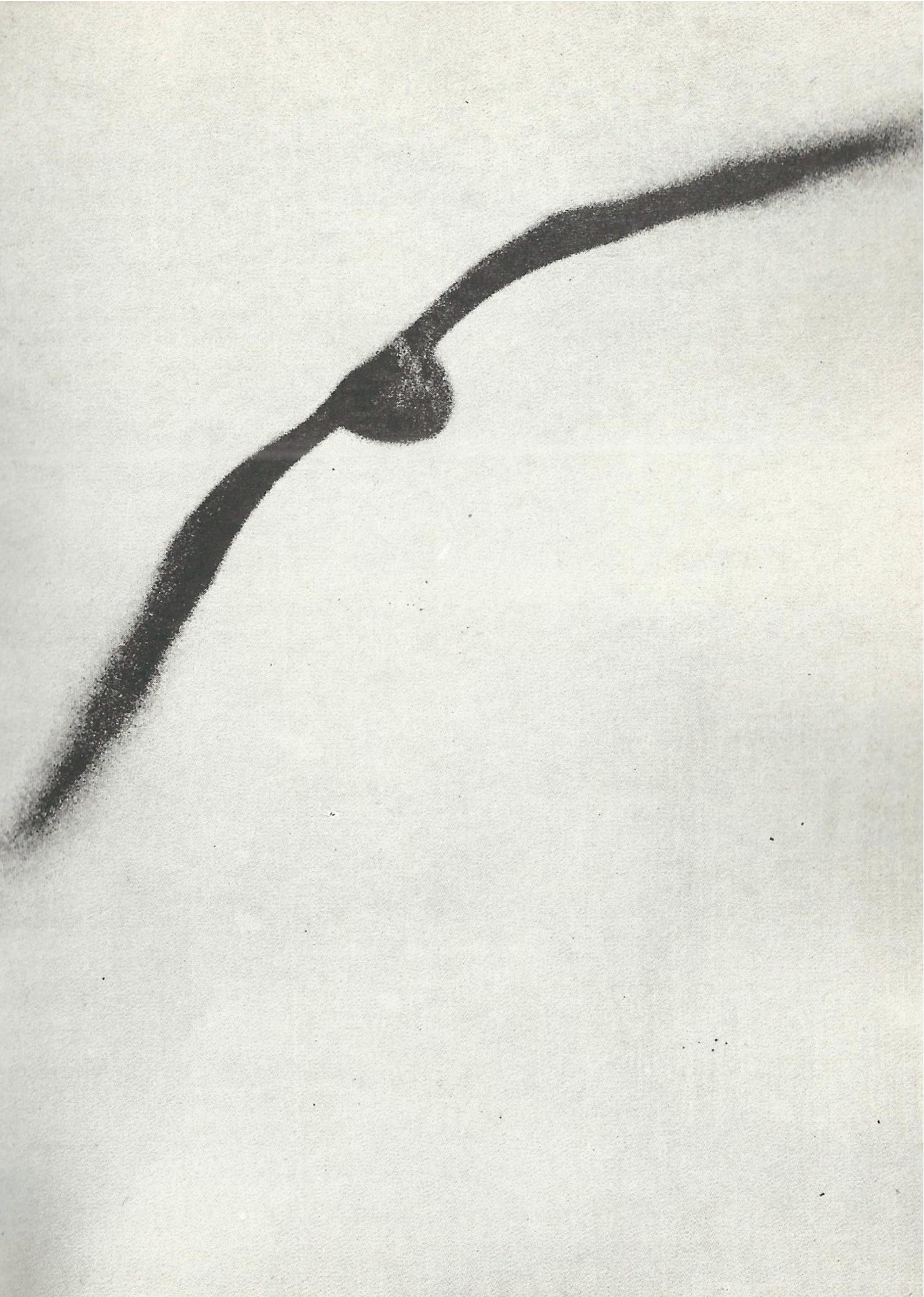
com as outras gaivotas e voou até depois do pôr-do-sol. Descobriu o “loop”¹, o “slow roll”, o “point roll”, o “inverted spin”, o “gull bunt”, o “pinwheel”.

Quando Fernão Gaivota se juntou ao bando na praia era já noite cerrada. Estava tonto e tremendamente cansado. Apesar disso, não resistiu ao prazer de voar num “loop” para terra e de fazer um “snap roll” antes de aterrar. “Quando souberem do triunfo”, pensava, “ficarão loucos de alegria. Como vale a pena agora viver! Em vez da monótona labuta de procurar peixe junto dos barcos de pesca, temos uma razão para estar vivos! Podemos subtrair-nos à ignorância, podemos encontrar-nos como criaturas excelentes, in-

¹ *Este termo e os que o seguem designam movimentos de acrobacia aeronáutica. (N. do T.)*











teligentes e hábeis. Podemos ser livres! Podemos aprender a voar!”

Os anos vindouros brilhavam e trauteavam promessas.

As gaivotas estavam reunidas em conselho quando ele aterrou, e, segundo parecia, já estavam em reunião havia algum tempo. Na realidade, estavam à espera dele.

— Fernão Capelo Gaivota! É chamado ao centro! — As palavras do Mais Velho foram pronunciadas no tom mais solene. Ser chamado ao centro só podia significar grande vergonha ou grande honra. Ser chamado ao centro por honra era a maneira como eram designados os principais chefes das gaivotas. “Claro”, pensou, “o Bando da Alimentação esta manhã viu o triunfo! Mas eu não quero honras. Não me interessa ser che-

fe. Só quero partilhar o que descobri, mostrar a todos esses horizontes que estão à nossa frente.” Avançou um passo.

— Fernão Gaivota — disse o Mais Velho —, é chamado ao centro por vergonha aos olhos das gaivotas suas semelhantes!

Foi como se lhe batessem com uma tábua. Os joelhos enfraqueceram-lhe, as penas tombaram-lhe, um enorme rugido ensurdeceu-o. “Ser chamado ao centro por vergonha? Impossível! O triunfo! Eles não podem compreender! Estão errados, estão errados!”

— . . . pela sua desastrada irresponsabilidade — entoava a voz solene —, por violar a dignidade e a tradição da família das gaivotas . . .

Ser chamado ao centro por vergonha significava que seria banido da sociedade das

gaivotas, desterrado para uma vida solitária nos Penhascos Longínquos.

— . . . um dia Fernão Capelo Gaivota aprenderá que a irresponsabilidade não compensa. A vida é o desconhecido e o desconhecível, mas não podemos esquecer que estamos neste mundo para comer e para nos mantermos vivos tanto quanto pudermos.

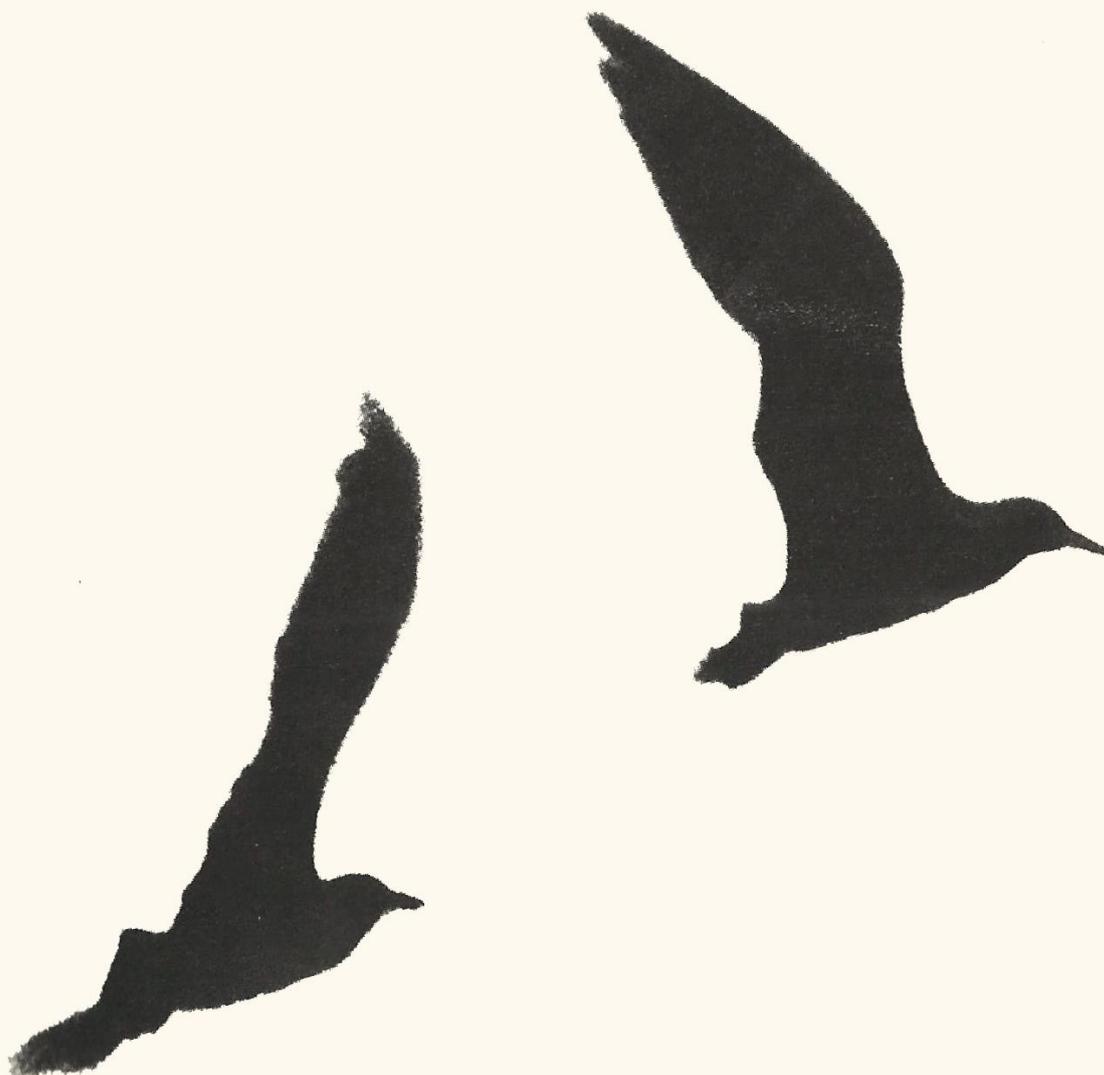
Uma gaivota nunca contesta o conselho do bando, mas a voz de Fernão ergueu-se gritando:

— Irresponsabilidade? Meus irmãos! Quem é mais responsável do que uma gaivota que descobre e desenvolve um significado, um propósito mais elevado na vida? Passamos mil anos lutando por cabeças de peixe, mas agora temos uma razão para viver, para aprender, para descobrir, para sermos livres!

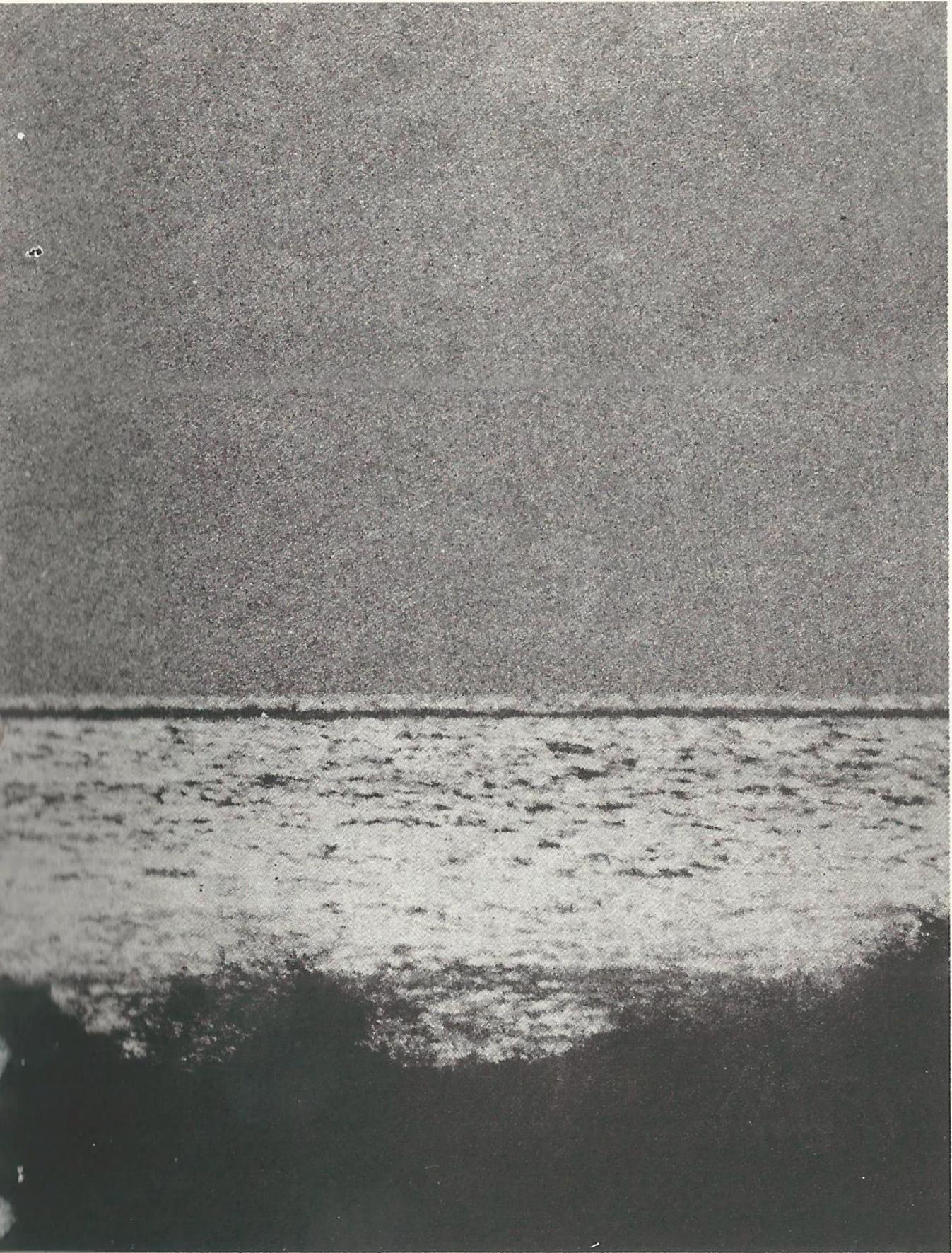
Dêem-me uma oportunidade, deixem-me mostrar-lhes o que descobri . . .

O bando mostrou-se impenetrável como a pedra.

— Quebrou-se a irmandade — entoaram em conjunto todas as gaivotas, e, em perfeito acordo, taparam solenemente os ouvidos e viraram-lhe as costas.







Fernão Gaivota passou o resto dos seus dias sozinho, mas voou muito além dos Penhascos Longínquos. A solidão não o entristecia. Entristecia-o que as outras gaivotas se tivessem recusado a acreditar na glória do vôo que as esperava. Recusaram-se a abrir os olhos e a ver.

Aprendia cada vez mais. Aprendeu que um eficiente mergulho a grande velocidade lhe dava o peixe raro e saboroso que vivia três metros abaixo da superfície do mar. Já não precisava de barcos de pesca nem de pão duro para viver. Aprendeu a dormir no ar, estabelecendo um percurso noturno pelo vento do largo, cobrindo cento e cinquenta quilômetros desde o ocaso até a aurora. Utilizando o mesmo controle interior, voou através de nevoeiros cerrados e subiu acima de-

les para céus estonteantes de claridade . . . enquanto qualquer outra gaivota ficava em terra, conhecendo apenas neblina e chuva. Aprendeu a dominar os altos ventos do continente e a jantar ali os delicados insetos.

O que outrora desejara para o bando tinha-o agora só para si. Aprendera a voar e não lamentava o preço que pagara por isso. Fernão Gaivota descobriu que o tédio, o medo e a ira são as razões por que a vida de uma gaivota é tão curta, e, sem isso a perturbar-lhe o pensamento, viveu de fato uma vida longa e feliz.

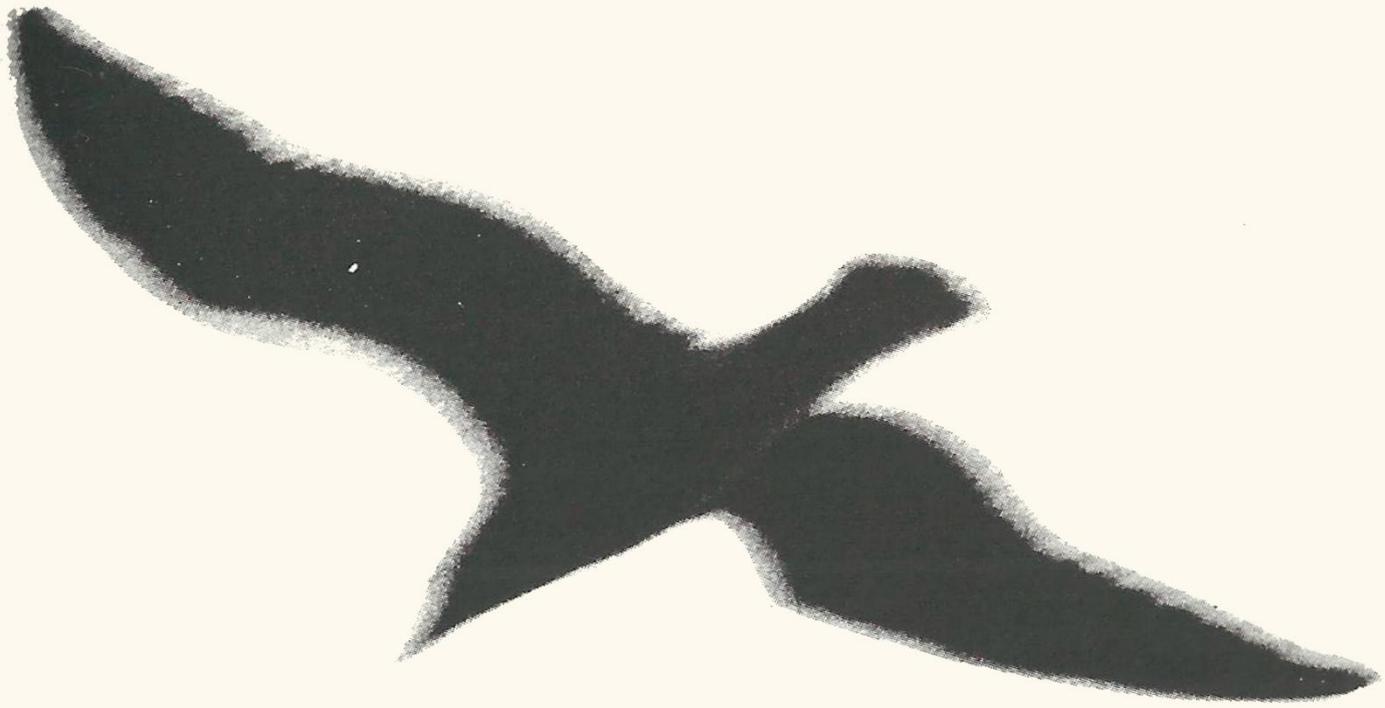


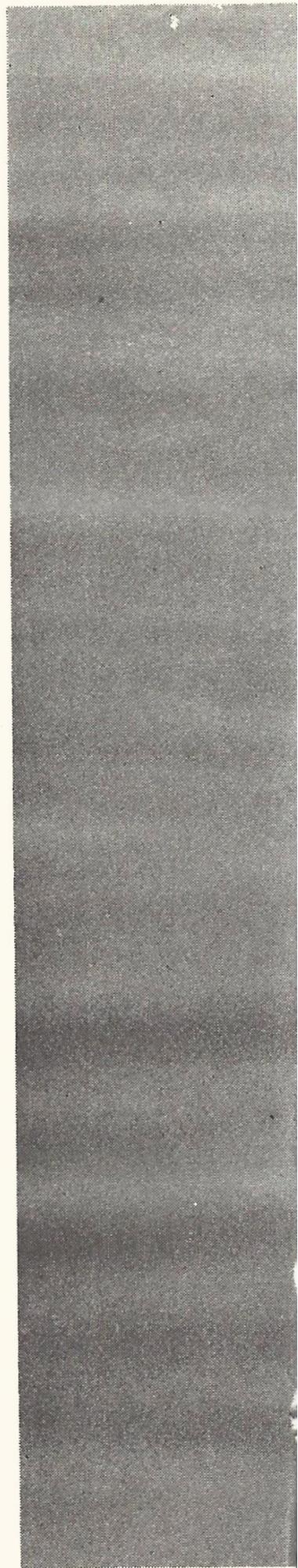














Vieram à noite, e encontraram Fernão deslizando tranqüilamente e sozinho pelo seu querido céu. As duas gaivotas que surgiram junto às suas asas eram puras como a luz das estrelas e o brilho que delas se desprendia era leve e afável no éter noturno. Mas o mais encantador era a perícia com que voavam, as pontas das asas movendo-se a um centímetro exato e constante das suas.

Sem uma palavra, Fernão submeteu-as ao teste, ao teste a que nenhuma gaivota fora ainda submetida. Torceu as asas, diminuiu a velocidade para um quilômetro e meio por hora e deslizou lentamente, quase parando no ar. Os dois pássaros, irradiantes, deslizaram com ele, suavemente, mantendo-se em posição. Sabiam voar devagar.

Dobrou as asas, e caiu num mergulho de

duzentos e oitenta quilômetros por hora. Mergulharam com ele, riscando a noite em formação impecável.

Por fim, transformou diretamente essa velocidade numa longa rotação ascendente, lenta e vertical. Giraram com ele, sorrindo.

Regressou ao vôo planado e esperou algum tempo, antes de falar.

— Muito bem. Quem são vocês?

— Nós somos do seu bando, Fernão. Somos suas irmãs. — As palavras eram fortes e calmas. — Viemos para levar você para mais alto, para levá-lo para casa.

— Eu não tenho casa. Nem tenho bando. Fui banido. E estamos agora sobrevoando o pico da Grande Montanha do Vento. Já não posso elevar este velho corpo além de umas centenas de metros.

— Você pode, sim, Fernão. Porque aprendeu. Acabou-se uma escola e chegou a hora de começar outra.

O entendimento raiou nesse momento para Fernão Gaivota, tal como o iluminara sempre em toda a sua vida. Tinham razão. Ele podia voar mais alto e era tempo de ir para casa.

Lançou um último longo olhar pelo céu, por aquela magnífica terra prateada onde aprendera tanto.

— Estou pronto — disse por fim.

E Fernão Capelo Gaivota elevou-se com as duas gaivotas brilhantes como estrelas para desaparecer num céu perfeitamente escuro.



Segunda Parte

“Então o paraíso é isto”, pensou, e teve de sorrir de si próprio. Não era muito respeitoso analisar o paraíso precisamente quando se estava voando para entrar nele.

Enquanto se afastava da terra e ultrapassava as nuvens, em formação com as duas gaivotas brilhantes, notou que o seu próprio corpo se tornava tão brilhante como os delas. Em realidade, era o mesmo Fernão Capelo Gaivota que sempre vivera por detrás dos olhos dourados. Só a forma exterior se modificara.

Era como o corpo de uma gaivota, mas voava muito melhor do que o antigo jamais voara. “É maravilhoso”, pensava ele. “Com metade do esforço consigo o dobro da velo-

cidade, o dobro da eficiência dos meus melhores dias na terra!”

As penas luziam agora num branco radiante e as asas eram lisas e perfeitas como folhas de prata polida. Deliciado, começou a aprender a conhecê-las, a incutir potência a essas novas asas.

A trezentos e setenta quilômetros por hora, sentiu que se aproximava da velocidade máxima que atingira antes em vôo planado. A quatrocentos e nove quilômetros pensou que voava tão depressa quanto podia voar e, apesar disso, sentiu-se ligeiramente desapontado. Havia um limite para tudo o que o novo corpo podia fazer, e, embora fosse muito mais rápido do que o seu antigo recorde em vôo planado, era ainda um limite. Para o vencer, iria ser necessário um grande esfor-

ço. “No paraíso”, pensou, “não devia haver limites.”

As nuvens romperam-se, a escolta gritou-lhe “Feliz aterragem, Fernão”, e evaporou-se no ar fino.

Voava sobre um mar em direção a uma linha áspera da costa. Muito poucas gaivotas treinavam os “updrafts” nos penhascos. Bastante desviado para o norte, na linha do horizonte, voava outro pequeno grupo. Novas paragens, novos pensamentos, novas perguntas. “Por que tão poucas gaivotas? O paraíso devia estar pejado de gaivotas! E por que é que, de repente, fiquei tão cansado? As gaivotas no paraíso nunca devem cansar-se, nem dormir.”

Onde é que ouvira isso? A lembrança da sua vida na terra sumia-se. A terra fora um

lugar onde aprendera muito, é certo, mas os pormenores estavam esmaecidos — qualquer coisa como lutar por comida e ser banido.

A dúzia de gaivotas que treinava junto à costa veio ao seu encontro, sem pronunciar uma palavra. Sentiu apenas que era bem-vindo e que esta era a sua casa. Tinha sido um grande dia para ele, um dia cuja aurora já não recordava.

Dispôs-se a aterrar na praia batendo as asas de modo a ficar suspenso a dois centímetros do chão e deixando-se cair levemente na areia. As outras gaivotas também aterraram, mas nenhuma delas moveu uma única pena. Esvoaçaram no vento com as asas brilhantes bem abertas e, modificando depois a curva das penas, pararam exatamente na

mesma altura em que os pés tocaram no chão. Era um controle magnífico, mas, nesse momento, Fernão estava demasiado cansado para experimentar. Adormeceu mesmo na praia, sem que se tivesse pronunciado uma palavra.

Nos dias que se seguiram, Fernão verificou que neste lugar havia tanto para aprender acerca do vôo como houvera na vida que deixara para trás. Mas com uma diferença. Aqui havia gaivotas que pensavam como ele. Para cada uma delas o mais importante na vida era olhar em frente e alcançar a perfeição naquilo que mais gostavam de fazer: voar. Todas elas eram aves magníficas e passavam hora após hora praticando vôo, fazendo experimentos de aeronáutica avançada.

Durante muito tempo Fernão esqueceu-se

do mundo de onde viera, daquele lugar onde o bando vivia com os olhos completamente cerrados à felicidade de voar, usando as asas apenas como um meio de encontrar alimento e lutar por ele. Mas, uma vez ou outra, só por um momento, lembrava-se.

Lembrou-se uma manhã, quando estava a sós com o instrutor, enquanto descansavam na praia depois de uma sessão de “snap rolls” de asa dobrada.

— Onde estão os outros, Henrique? — perguntou em silêncio, já familiarizado com a telepatia, fácil, que estas gaivotas usavam em vez dos gritos e guinchos. — Por que somos tão poucos aqui? No lugar de onde eu vim havia . . .

— . . . milhares e milhares de gaivotas. Eu sei. — Henrique abanou a cabeça. —

A única resposta que encontro, Fernão, é que você é um daqueles pássaros que se encontram num milhão. Quase todos nós percorremos um longo caminho. Fomos de um mundo para outro, que era praticamente igual ao primeiro, esquecendo logo de onde viéramos, não nos preocupando para onde íamos, vivendo o momento presente. Tem alguma idéia de por quantas vidas tivemos de passar até chegarmos a ter a primeira intuição de que há na vida algo mais do que comer, ou lutar, ou ter uma posição importante dentro do bando? Mil vidas, Fernão, dez mil! E depois mais cem vidas até começarmos a aprender que há uma coisa chamada perfeição, e ainda outras cem para nos convenceremos de que o nosso objetivo na vida é encontrar essa perfeição e levá-la ao

extremo. A mesma regra mantém-se para os que aqui estão agora, é claro: escolheremos o nosso próximo mundo através daquilo que aprendermos neste. Não aprender nada significa que o próximo mundo será igual a este, com as mesmas limitações e pesos de chumbo a vencer.

Abriu as asas e, voltando-se de frente para o vento, continuou:

— Mas você, Fernão, aprendeu tanto de uma só vez que não teve de passar por mil vidas para chegar a esta.

Um instante depois estavam de novo no ar, treinando. A formação “point roll” era difícil, pois na posição invertida Fernão tinha de pensar de cabeça para baixo, virando a curva da asa ao contrário, mas virando-a em perfeita harmonia com a do seu instrutor.

— Vamos tentar outra vez — repetia Henrique, incansável. — Vamos tentar outra vez. — E, finalmente: — Está bom.

E começaram a praticar “loops” exteriores.

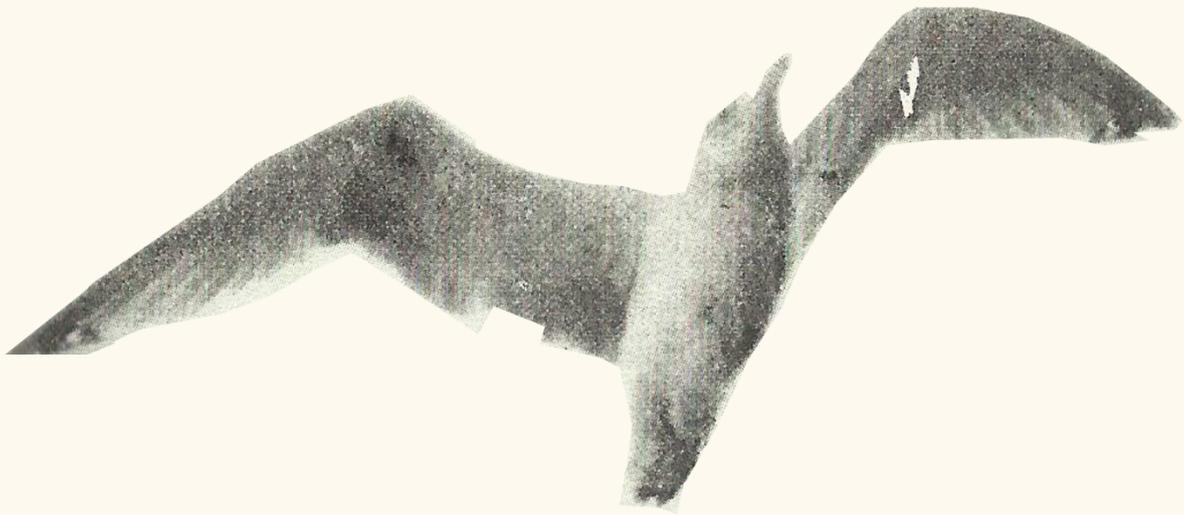
Uma noite, as gaivotas que não praticavam o vôo noturno juntaram-se na praia, para pensar. Fernão reuniu toda a sua coragem e dirigiu-se à gaivota mais velha, que, segundo diziam, devia passar em breve para outro mundo.

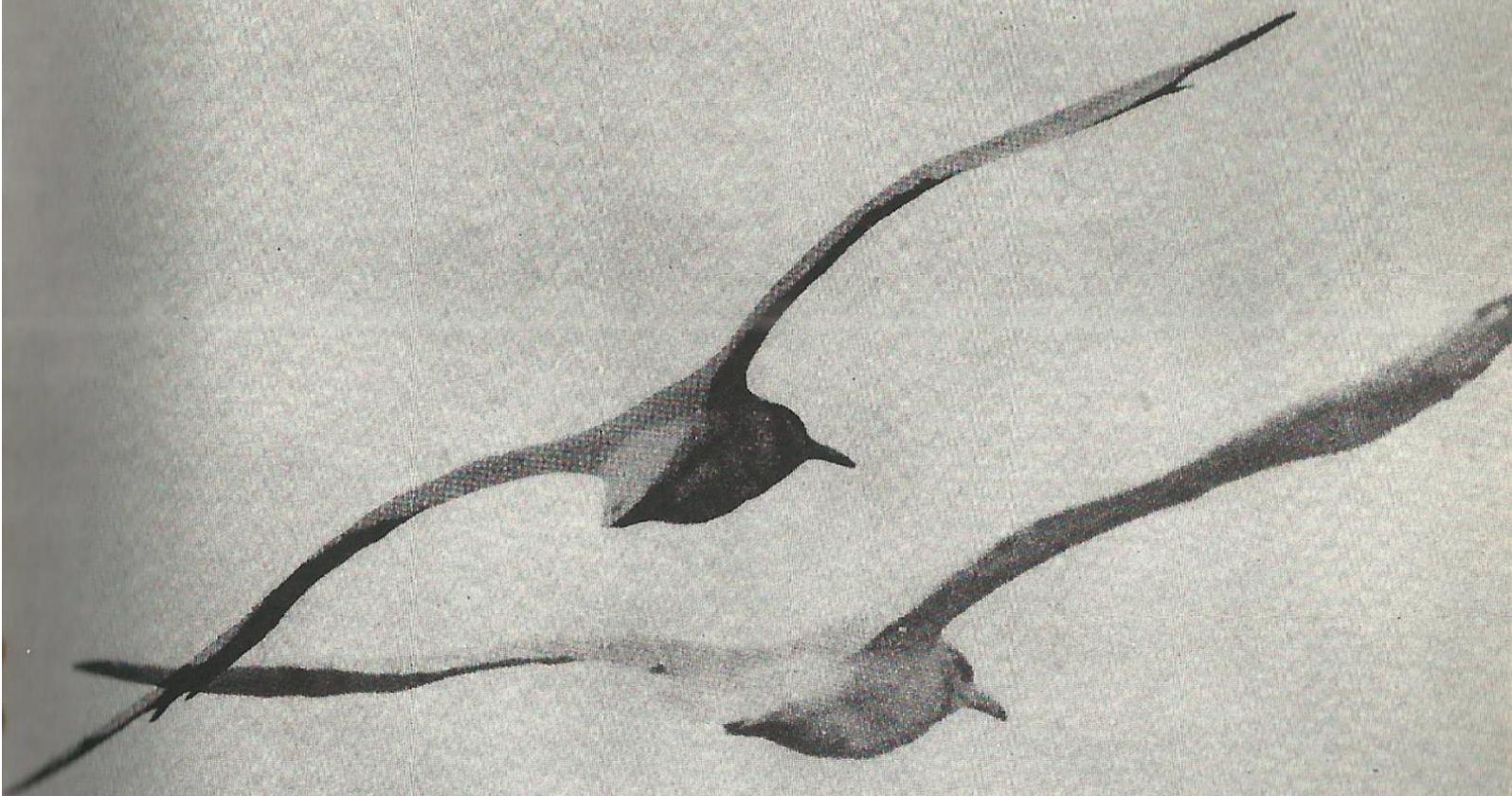
— Chiang . . . — começou ele, um pouco nervoso.

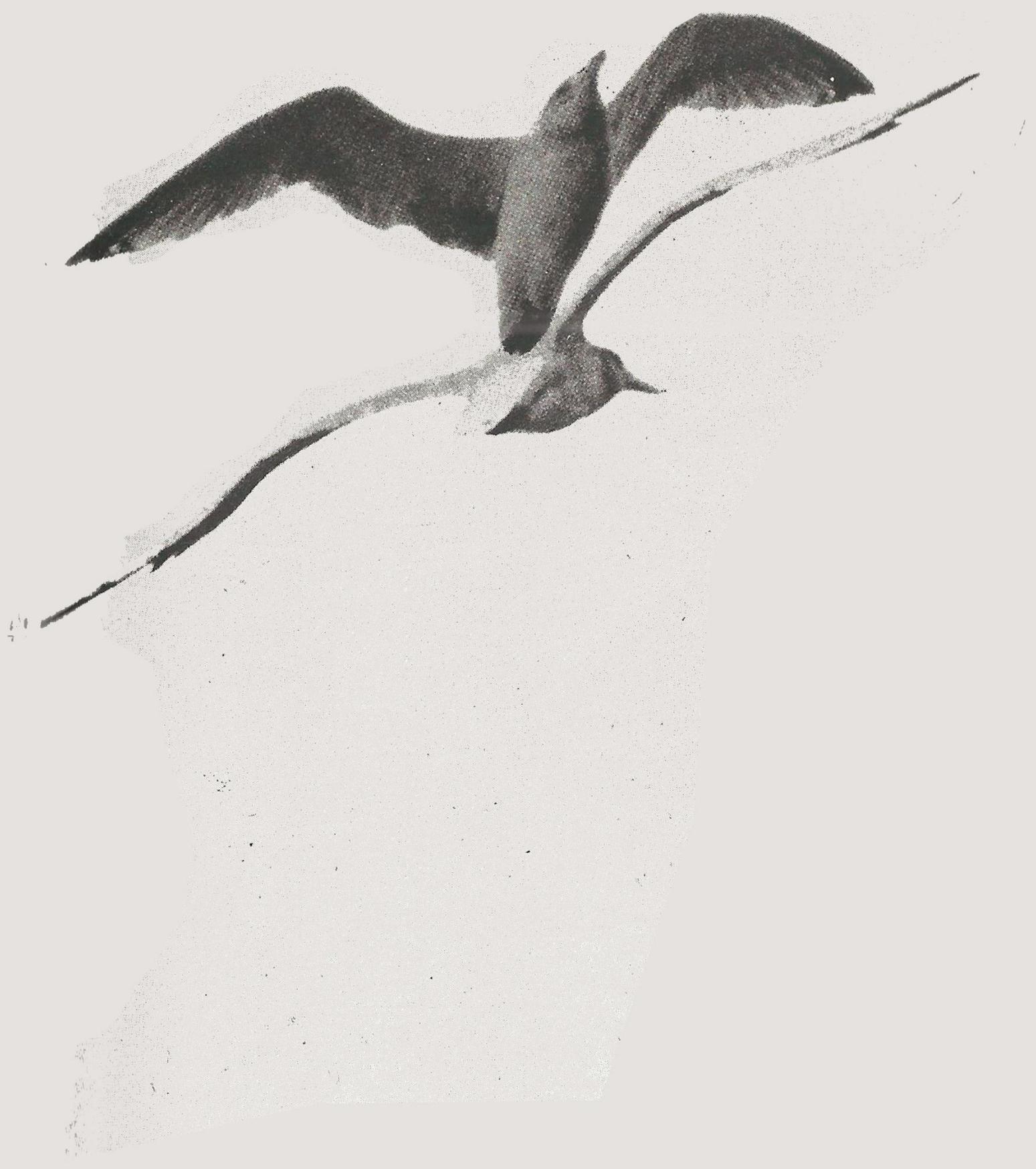
A velha gaivota olhou-o com bondade.

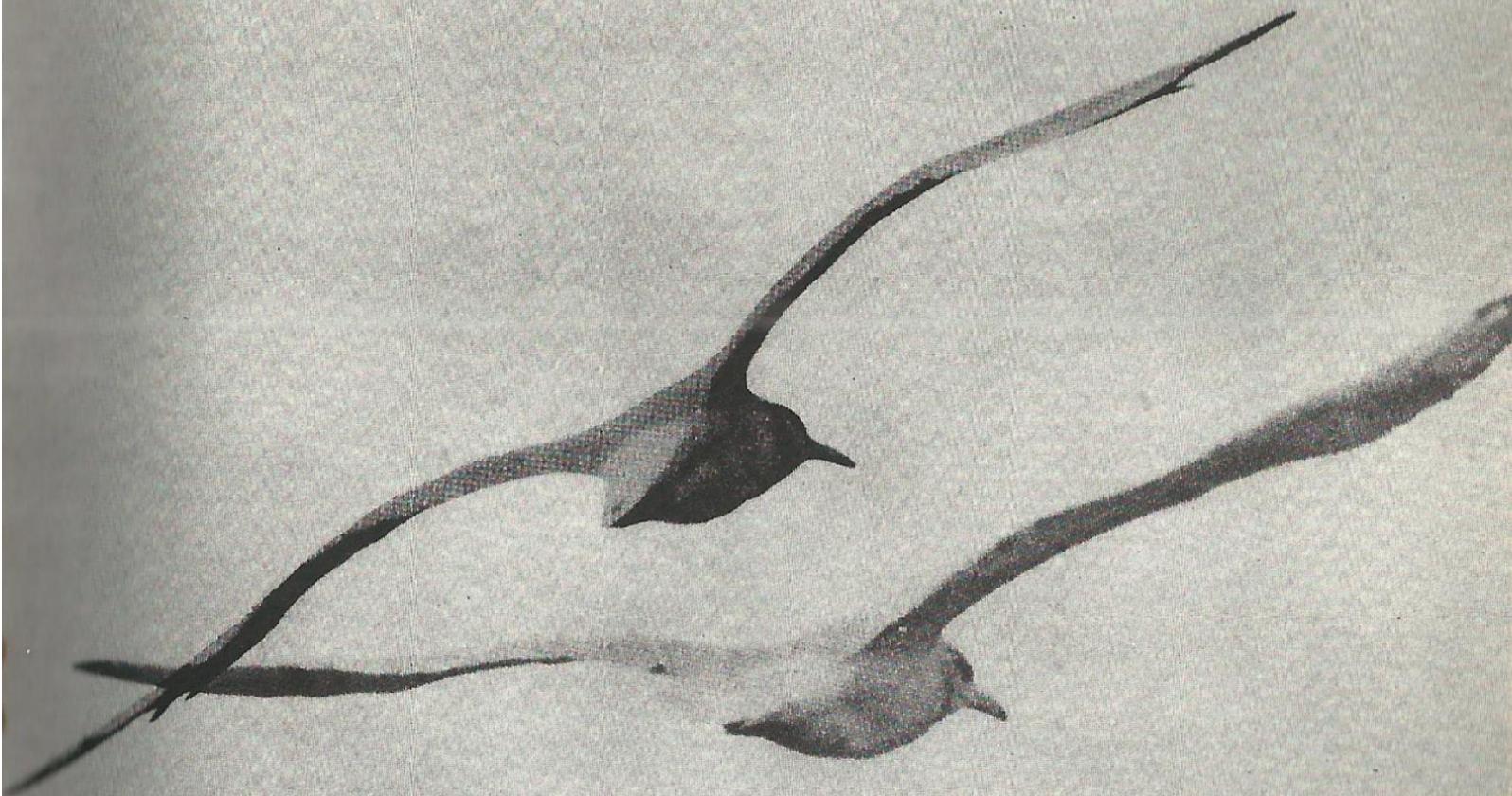
— Diga, meu filho.

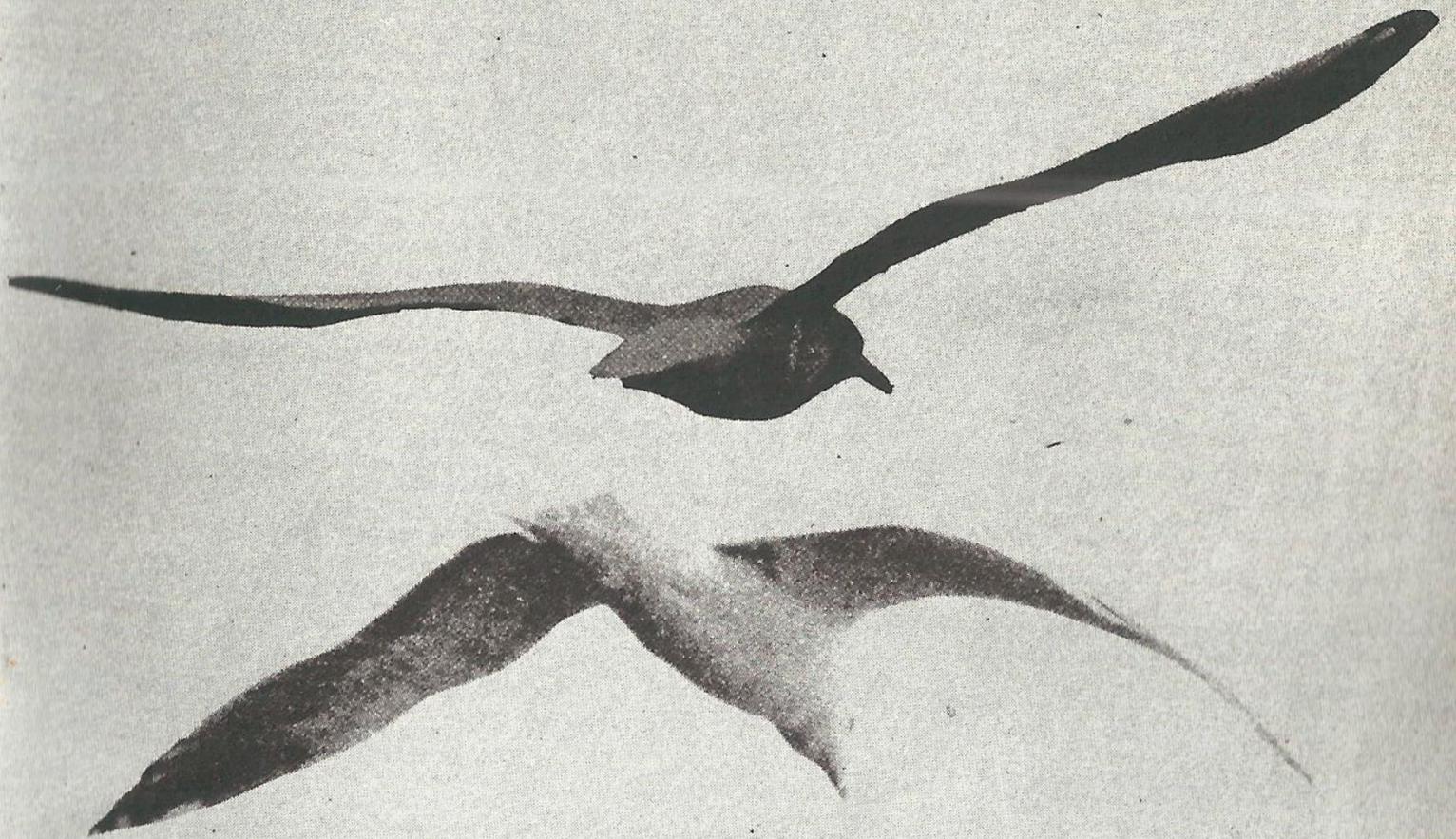
Em vez de enfraquecer, a idade dera força ao Mais Velho. Em vôo batia qualquer gaivota do bando, e aprendera perícias de que

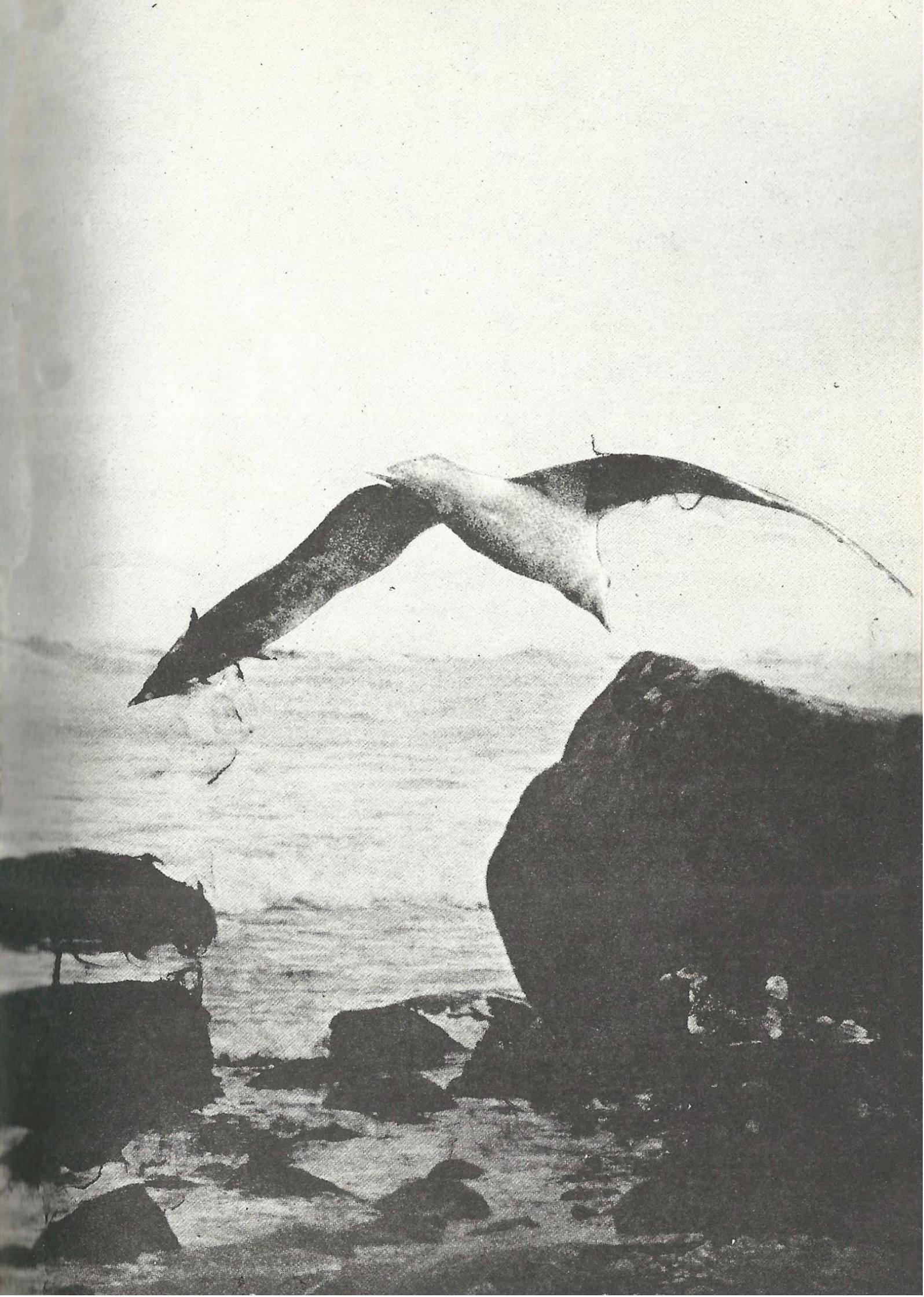












os outros só muito lenta e gradualmente começavam agora a aperceber-se.

— Chiang, este mundo não é o paraíso, é?

O Mais Velho sorriu ao luar:

— Você está aprendendo outra vez, Fernão Gaivota.

— Bem, e o que é que acontece depois disso? Para onde vamos? Não há um lugar chamado paraíso?

— Não, Fernão, não há tal lugar. O paraíso não é um lugar nem um tempo. O paraíso é ser perfeito. — Ficou em silêncio durante um momento. — Você voa com muita velocidade, não voa?

— Eu . . . Eu gosto da velocidade — respondeu Fernão, surpreendido mas orgulhoso de que o Mais Velho o tivesse notado.

— Você começará a se aproximar do paraíso no momento em que alcançar a velocidade perfeita. E isso não é voar a mil e quinhentos quilômetros por hora, nem a um milhão e quinhentos mil, nem voar à velocidade da luz. Porque nenhum número é um limite, e a perfeição não tem limites. A velocidade perfeita, meu filho, é estar ali.

Sem avisar, Chiang evaporou-se e apareceu à borda da água, à distância de quinze metros, numa centelha de instante. Depois evaporou-se outra vez e surgiu ao lado de Fernão, no mesmo milésimo de segundo.

— É divertido — comentou.

Fernão ficou atordoado. Esqueceu-se de fazer perguntas acerca do paraíso.

— Como é que se faz isso? O que é que se sente? A que distância se pode ir?



— Desde que você o deseje, pode ir a qualquer lugar e a qualquer momento — disse-lhe o Mais Velho. — Que me lembre, já fui a todos os lugares e a todos os momentos. — Olhou o mar, pensativo. — É estranho . . . As gaivotas que desprezam a perfeição por amor ao movimento não chegam a parte alguma, devagar. As que ignoram o movimento por amor à perfeição chegam a toda parte, instantaneamente. Lembre-se, Fernão, o paraíso não é um lugar nem um tempo, porque lugar e tempo não significam nada. O paraíso é . . .

— Pode ensinar-me a voar assim?

Fernão Gaivota tremia de ansiedade por conquistar outro desconhecido.

— Claro, se você deseja aprender.

— Desejo, sim! Quando podemos começar?

— Se quiser, podemos começar já.

— Eu quero aprender a voar assim — disse Fernão, um brilho estranho a iluminar-lhe os olhos. — Diga-me o que devo fazer.

Chiang falou devagar, observando cuidadosamente a gaivota mais nova.

— Para voar à velocidade do pensamento, para onde quer que seja, você deve começar por saber que já chegou . . .

Segundo Chiang, o truque estava em Fernão deixar de se ver aprisionado dentro de um corpo limitado cujas asas abertas abrangiam a distância de um metro e cuja eficiência podia ser traçada num mapa.

O truque estava em saber que a sua verdadeira natureza vivia tão perfeita como um

número não escrito, em toda parte e ao mesmo tempo, através do espaço e do tempo.

Fernão empenhou-se em conseguir isso, dia após dia, desde antes da aurora até depois da meia-noite. Mas, por mais que se esforçasse, não conseguia afastar-se um milímetro do seu lugar.

— Esqueça a fé — dizia-lhe Chiang repetidamente. — Você não precisa de fé para voar; precisou, sim, compreender o que era voar. Isto é a mesma coisa. Tente outra vez . . .

Mas um dia em que Fernão estava na praia, de olhos fechados, concentrando-se, compreendeu num relâmpago o que Chiang tentava dizer-lhe.

— Mas é verdade! Eu sou uma gaiivota perfeita, ilimitada!

Sentiu um grande choque de alegria.

— Bom! — exclamou Chiang, com a voz vibrando de triunfo.

Fernão abriu os olhos. Estava sozinho com o Mais Velho numa praia completamente diferente — havia árvores até a beira da água, e dois sóis amarelos, girando sobre as cabeças de ambos.

— Por fim você conseguiu perceber a idéia — disse Chiang. — Mas ainda precisa trabalhar o seu controle . . .

Fernão estava atordoadado.

— Onde estamos?

Obviamente não impressionado pelo estranho ambiente, o Mais Velho desprezou a pergunta.

— Estamos num planeta qualquer, evi-

dentamente, com um céu verde e uma estrela dupla por sol.

Fernão soltou um grito de alegria, o primeiro som que emitia desde que deixara a terra.

— DEU CERTO!

— Mas claro que deu certo, Fernão — disse Chiang. — Dá certo sempre, quando se sabe o que se está fazendo. Agora, acerca do seu controle . . .

Quando regressaram já estava escuro. As outras gaiotas olhavam Fernão com o assombro nos olhos dourados. Tinham-no visto desaparecer do lugar onde há tanto tempo criara raízes.

Suportou as felicitações por menos de um minuto.

— Eu sou o mais novo aqui! Estou apenas começando! Sou eu quem tem de aprender com vocês.

— Tenho as minhas dúvidas, Fernão — disse Henrique, ali próximo. — Você tem menos medo de aprender do que qualquer outra gaiivota que conheci em dez mil anos.

O bando ficou em silêncio e Fernão moveu-se embaraçado.

— Se você quiser, podemos começar a trabalhar, com tempo — disse-lhe Chiang —, até você poder voar no passado e no futuro. E então estará preparado para começar o mais difícil, o mais poderoso e o mais divertido de tudo. Estará preparado para voar

no além e conhecer o significado das palavras “bondade” e “amor”.

Passou-se um mês, ou algo que se pareceu com um mês, e Fernão aprendeu num ritmo tremendo. Aprendera sempre depressa, com a experiência vulgar, e agora, como aluno especial do próprio Mais Velho, fixou novas idéias, como um aerodinâmico computador de penas.

Mas chegou o dia em que Chiang se evaporou. Falara calmamente a todos, exortando-os a nunca deixarem de aprender, de treinar e de lutar por compreenderem cada vez melhor o perfeito e invisível princípio de toda a vida. Então, enquanto falava, suas penas foram-se tornando cada vez mais brilhantes, e acabaram por ficar tão brilhantes que nenhuma gaiivota o conseguia olhar.

As suas últimas palavras foram para Fernão:

— Continue trabalhando no amor, Fernão.

Quando puderam olhar outra vez, Chiang havia desaparecido.

À medida que os dias se passavam, Fernão surpreendia-se pensando no tempo e na terra de onde viera. Se ele tivesse sabido que havia só um décimo, só um centésimo do que aprendera aqui, como a vida teria sido mais válida! Ficou na areia, pensando se haveria alguma gaivota lá atrás lutando por quebrar os seus limites, compreendendo o que realmente significava voar: não um simples meio de locomoção para arrancar uma migalha de pão a um barco a remos. Talvez até houvesse uma que tivesse sido banida por lançar

a verdade à cara do bando. E quanto mais Fernão treinava os seus exercícios de bondade, quanto mais trabalhava para compreender a natureza do amor, mais desejava regressar à terra. Porque, apesar do seu passado solitário, Fernão Gaivota nascera para ser instrutor, e a sua maneira de demonstrar o amor era dar um pouco da verdade que ele próprio descobrira a uma gaivota que apenas pedisse uma oportunidade para vislumbrar essa verdade.

Henrique, agora adepto do vôo velocidade-pensamento, ao mesmo tempo que ajudava os outros a aprender, tinha dúvidas.

— Fernão, você foi banido uma vez. O que é que o leva a pensar que alguma das gaivotas do seu tempo o ouviria agora? Você conhece o provérbio, que é bem verdade:

“Vê mais longe a gaivota que voa mais alto”. As gaivotas que você deixou estão no solo, gritando e lutando umas com as outras. Estão a mil e quinhentos quilômetros do paraíso, e você diz que lhes quer mostrar o paraíso, de onde estão! Fernão, elas nem vêem a própria ponta das asas! Fique aqui. Fique aqui ajudando as novas gaivotas, essas que estão suficientemente cultivadas para compreenderem o que você lhes tem a dizer. — Calou-se um momento, e depois disse: — Que teria acontecido se Chiang tivesse regressado aos velhos mundos dele? Onde estaria você hoje?

A última frase era significativa, e Henrique tinha razão. “Vê mais longe a gaivota que voa mais alto.”

Fernão ficou trabalhando com os novos

pássaros que chegaram e que se mostraram muito inteligentes e rápidos na aprendizagem das suas lições. Mas o velho sentimento voltou e ele não podia impedir-se de pensar que talvez houvesse uma ou duas gaivotas na terra que também pudessem aprender. Quanto mais não saberia ele agora se Chiang tivesse ido ao seu encontro no dia em que fora banido!

— Henrique, tenho de regressar! — acabou por dizer. — Os seus alunos vão bem. Podem ajudar você a ensinar os que chegaram.

Henrique suspirou, mas não discutiu.

— Acho que vou sentir a sua falta, Fernão — foi tudo o que disse.

— Henrique, que vergonha! — exclamou Fernão, reprovador. — Não seja tolo! Afi-

nal, o que é que estamos treinando todos os dias? Se a nossa amizade depende de coisas como o espaço e o tempo, então, quando finalmente ultrapassarmos o espaço e o tempo, teremos destruído a nossa fraternidade! Mas, ultrapassado o espaço, tudo o que nos resta é Aqui. Ultrapassado o tempo, tudo o que nos resta é Agora. E entre Aqui e Agora você não crê que poderemos ver-nos uma ou duas vezes?

Henrique Gaivota riu sem vontade e disse-lhe brandamente:

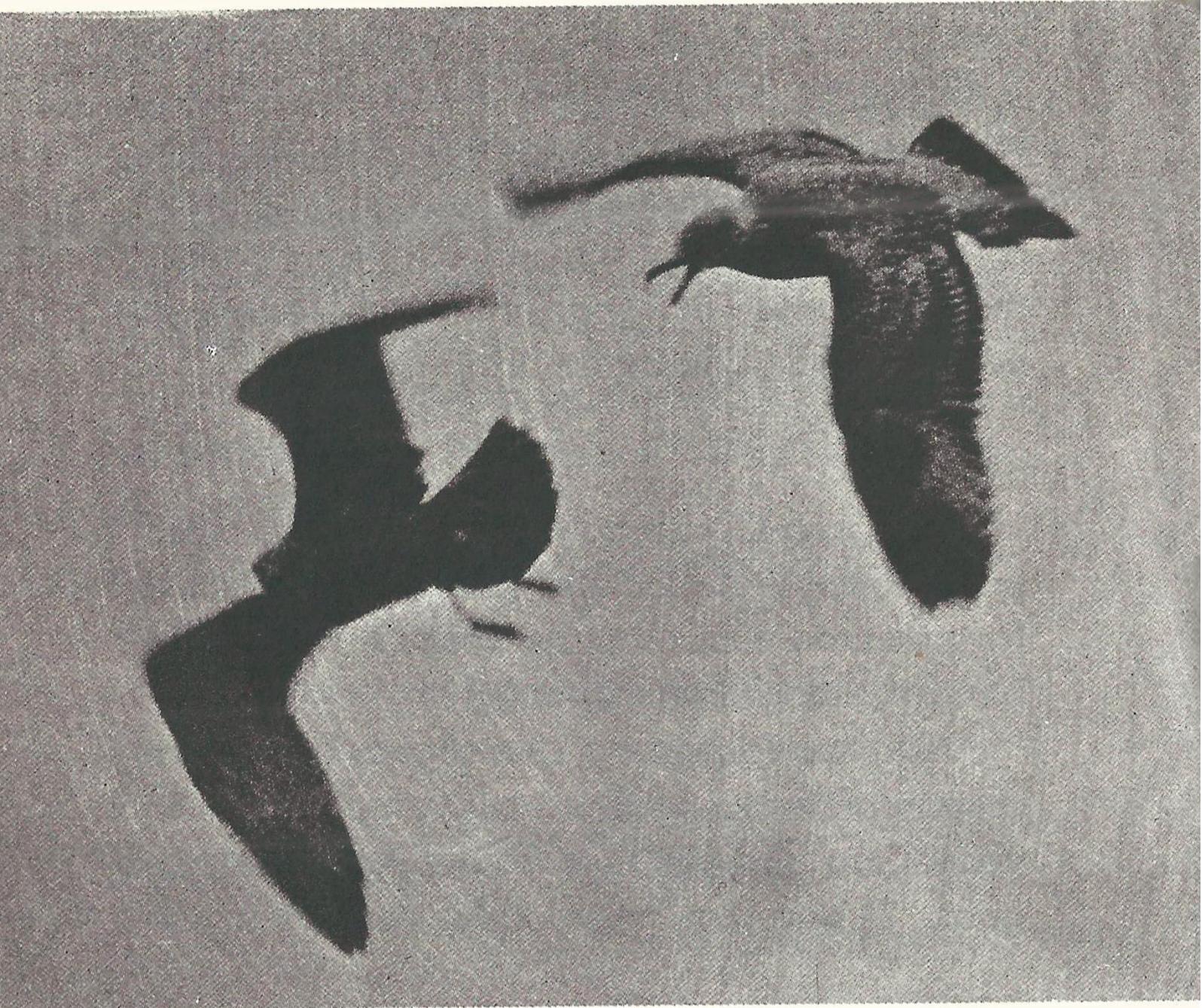
— Você é um louco. Se alguém conseguir mostrar a um pássaro no chão como ver a mil e quinhentos quilômetros, esse alguém tem de ser Fernão Capelo Gaivota. — Olhou a areia. — Adeus, Fernão, meu amigo.

— Adeus, Henrique, voltaremos a encontrar-nos.

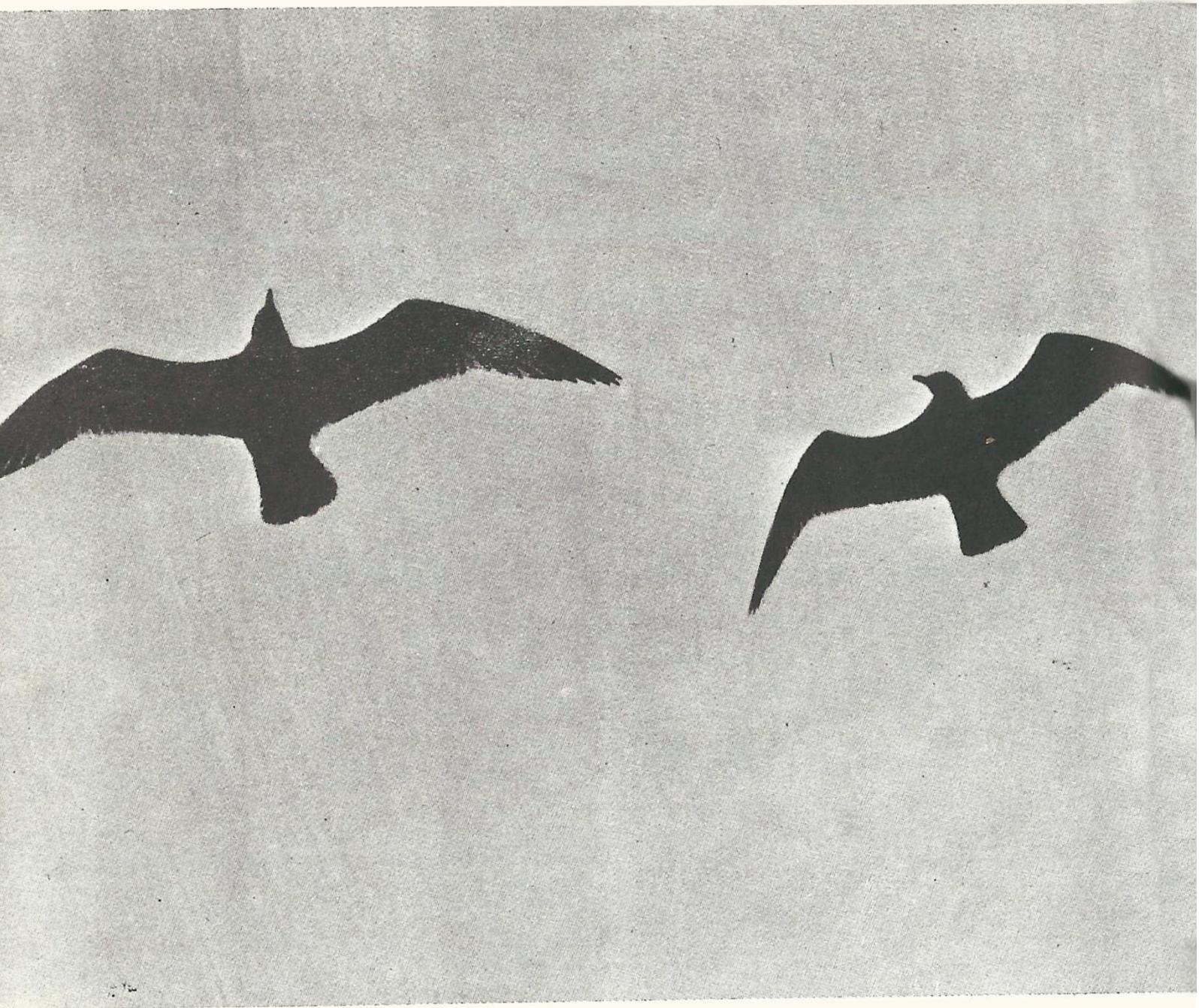
Dito isso, Fernão fixou no pensamento a imagem dos grandes bandos de gaivotas das costas doutros tempos e, com a facilidade do treino, soube que não era só ossos e penas, mas sim uma idéia perfeita de liberdade e vôo que nada conseguia limitar.

Francisco Coutinho Gaivota era bastante novo, mas já sabia que nunca um pássaro fora tratado com tanta aspereza por nenhum bando ou com tanta injustiça.

“Não me importa o que digam”, pensava com violência, o olhar toldado, enquanto voava em direção aos Penhascos Longínquos. “Voar tem muito mais valor do que

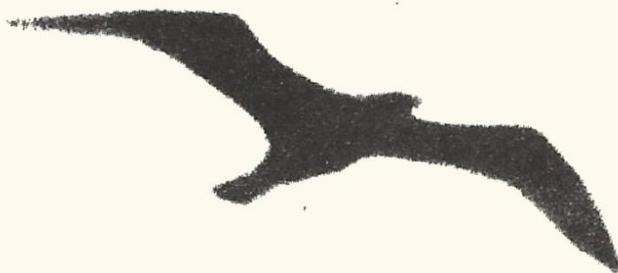












esvoaçar de um lado para o outro! Um . . . um . . . um mosquito faz isso! Um pequeno ‘barrel roll’ à volta da gaivota mais velha, só por brincadeira, e eis-me banido! São cegos? Não vêem? Não percebem a glória que será quando aprendermos a voar realmente?

“Não me importa o que pensem. Vou lhes mostrar o que é voar! Serei um puro forada-lei, se é isso o que desejam. E vou fazê-los lamentar tanto . . .”

A voz surgiu dentro da sua cabeça e, embora fosse muito suave, sobressaltou-o de tal maneira que vacilou e quase despencou.

“Não seja duro com eles, Francisco Gai-vota. Ao expulsarem-no, as outras gaivotas só fizeram mal a si próprias, e um dia vão sabê-lo, e um dia verão o que você vê. Perdoe-lhes e ajude-as a compreender.”

A um centímetro da sua asa direita voava a gaivota branca mais brilhante de todo o mundo, deslizando suavemente e sem esforço, sem mover uma pena, quase à velocidade máxima de Francisco.

Houve um momento de caos no jovem pássaro.

— Que se passa? Estou louco? Estou morto? O que é isso?

Baixa e calma, a voz prosseguiu dentro dos seus pensamentos, exigindo resposta.

— Francisco Coutinho Gaivota, você quer voar?

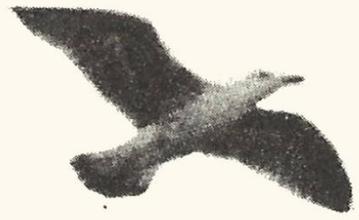
— SIM, EU QUERO VOAR!

— Francisco Coutinho Gaivota, você quer voar tanto que perdoará o bando, e aprenderá, e voltará um dia para ajudá-los a saber?

Era impossível mentir àquele magnífico e hábil ser, por muito que um pássaro como Francisco Gaivota se sentisse cheio de orgulho e de mágoa.

— Quero — disse suavemente.

— Então, Chico — disse-lhe a brilhante criatura, com uma voz muito calma —, vamos começar com o vôo planado . . .



Terceira Parte



Fernão voou em círculo, devagar, sobre os Penhascos Longínquos, observando. Este duro jovem Francisco Gai-vota aproximava-se muito de um perfeito aluno de vôo. Era forte, leve e rápido no ar, mas muito mais importante do que isso era o ritmo vertiginoso com que aprendia a voar.

Ali vinha ele agora, turva forma cinzenta troando à saída de um mergulho, a duzentos e vinte quilômetros por hora, passando como um relâmpago à frente do seu instrutor. Abruptamente, lançou-se noutra tentativa, um “slow roll” vertical de dezesseis pontos, fazendo a contagem bem alto.

— . . .oito . . .nove . . .dez. . . olha-Fernão-estou-saindo-da-velocidade-do-ar . . . onze. . . eu-quero-boas-paradas-bruscas-como-as-suas. . . doze. . . mas-maldição-não-

consigo . . . treze . . . fazer-estes-últimos-três-pontos . . . sem . . . cator . . . aaahh!

A atrapalhação de Francisco no topo foi como uma chicotada, foi o pior que lhe podia ter acontecido, e enfureceu-se por ter falhado. Caiu para trás, aos trambolhões, desabou selvaticamente num “inverted spin” e acabou por se recuperar, ofegante, trinta metros abaixo do nível do seu instrutor.

— Você perde o seu tempo comigo, Fernão! Sou tapado demais! Sou estúpido demais! Tento e volto a tentar, mas nunca conseguirei!

Fernão Gaiivota olhou para ele e concordou.

— Você nunca o conseguirá, é certo, se continuar a fazer o arranque com essa brusquidão. Francisco, você perdeu sessenta qui-

lômetros por hora na entrada! Tem de ser suave! Firme mas suave, compreende?

Desceu ao nível da gaiivota mais nova.

— Agora vamos tentar juntos, em formação. E preste atenção ao arranque. É uma entrada suave, fácil.

Ao cabo de três meses, Fernão tinha mais seis discípulos, todos banidos, mas ainda curiosos acerca desta estranha e nova idéia de voar pelo prazer de voar.

Contudo, era-lhes mais fácil praticar altas execuções do que compreender a razão que existia por detrás delas.

— Cada um de nós é, em realidade, uma idéia da Grande Gaiivota, uma idéia ilimitada de liberdade — costumava dizer-lhes

Fernão à noite, quando se reuniam na praia. — E o vôo de precisão é um passo à frente para expressarmos a nossa verdadeira natureza. Temos de pôr de parte tudo o que nos limita. É por isso que todo este treino de alta velocidade, baixa velocidade e acrobacia aérea . . .

E os seus alunos adormeciam, exaustos pelo vôo do dia. Gostavam dos treinos porque eram rápidos e excitantes e porque saciavam uma fome de aprender que crescia de lição para lição. Mas nenhum deles, nem mesmo Francisco Coutinho Gaivota, chegara a crer que o vôo de idéias pudesse de fato ser tão real como o vôo de vento e penas

— Todo o corpo de vocês, da ponta de uma asa à outra — dizia Fernão outras vezes —, não é mais do que seus próprios pen-

samentos, numa forma que podem ver. Quebrem as correntes dos seus pensamentos e conseguirão quebrar as correntes do corpo . . .

Mas qualquer que fosse a maneira como o dissesse, soava sempre como ficção agradável, e eles precisavam dormir.

Só um mês depois Fernão disse que era tempo de voltar ao bando.

— Mas não estamos prontos! — disse João Calvino Gaivota. — E não nos desejam! Estamos banidos! Não podemos forçar-nos a ir aonde não somos desejados, não é?

— Nós somos livres para ir aonde nos aprouver e ser o que somos — replicou Fernão, elevando-se da areia e voando para leste, para os domínios do bando.

A angústia reinou por momentos entre os

seus alunos, pois, segundo a lei do bando, nenhum banido regressa, e a lei não fora quebrada em dez mil anos. A lei dizia: fiquem. Fernão dizia: vão. E nesta altura já ia a mais de um quilômetro de distância, sobrevoando a água. Se esperassem muito mais, ele iria enfrentar sozinho o bando hostil.

— Bem, já que não fazemos parte do bando não temos de nos submeter à lei . . . — disse Francisco timidamente. — Além disso, se houver luta, seremos muito mais úteis lá do que aqui.

E assim, oito gaivotas voaram do oeste nessa manhã, em dupla formação de diamante, as pontas das asas quase sobrepondo-se. Atravessaram a Praia do Conselho do Bando a mais de duzentos quilômetros por hora, Fernão à frente, Francisco suavemen-

te à sua direita, João Calvino lutando com o vento, brincalhão, à sua esquerda. Então, toda a formação rolou suavemente para a direita, como um único pássaro . . . planando . . . invertendo . . . planando, o vento chicoteando-os todos por cima.

Os gritos e os guinchos habituais à vida diária do bando cessaram de repente, como se a formação fosse uma espada gigante, e oito mil olhos de gaivotas observaram, sem pestanejar uma só vez. Um a um, os oito pássaros lançaram-se abruptamente para cima, fazendo um “loop” completo, descreveram uma curva perfeita e deixaram-se cair lentamente até aterrarem na areia, de pé. Então, tal como se o acontecimento fosse uma coisa de todos os dias, Fernão Gaivota iniciou a sua crítica do vôo.

— Para começar — disse com um sorriso zombeteiro —, demoraram um bocado a juntar-se a mim . . .

Foi como se um relâmpago percorresse o bando. Aqueles pássaros eram banidos! E tinham regressado! E isso . . . isso não podia acontecer! As predições de Francisco quanto a haver luta fundiram-se na confusão do bando.

— Está bem, é certo que são banidos — disse uma das gaivotas mais novas —, mas, caramba! onde eles aprenderam a voar desta maneira?

A palavra do Mais Velho levou quase uma hora a percorrer o bando: — Ignorem-nos. A gaivota que falar a um banido será banida. A gaivota que olhar para um banido quebrará a lei do bando.

Costas de penas cinzentas viraram-se a Fernão a partir desse momento, mas ele não deu a perceber tê-lo notado. Deu as sessões de treino precisamente sobre a Praia do Conselho e, pela primeira vez, começou a instigar os seus alunos até o limite da sua capacidade.

— Martinho Gaivota! — gritou através do céu. — Você diz que sabe voar a baixa velocidade. Não sabe nada até o provar! **VOE!**

Foi assim que o calado Martinho Gaivota, sobressaltado pelo fogo que o seu instrutor lhe ateara, surpreendeu a si próprio tornando-se um especialista em baixas velocidades. Conseguia curvar as suas penas de modo a elevar-se na mais leve brisa, sem um único

batimento da asa, da areia às nuvens e voltar das nuvens à areia.

Do mesmo modo, Rolando Gaivota sobrevoou o pico da Grande Montanha do Vento, a sete mil e duzentos metros, desceu azul do ar frio e rarefeito, maravilhado e feliz, decidido a ir ainda mais alto no dia seguinte.

Francisco Gaivota, que mais do que ninguém adorava a acrobacia aérea, conseguiu o seu “slow roll” vertical de dezesseis pontos, ao qual, no dia seguinte, acrescentou um triplo “cartwheel”, as penas irradiando uma luz solar branca que ofuscou a praia onde mais de um olho furtivo o observava.

A todo momento, lá estava Fernão ao lado de cada um dos seus discípulos, demonstrando, sugerindo, instigando, conduzindo. Voou com eles através da noite, da nuvem

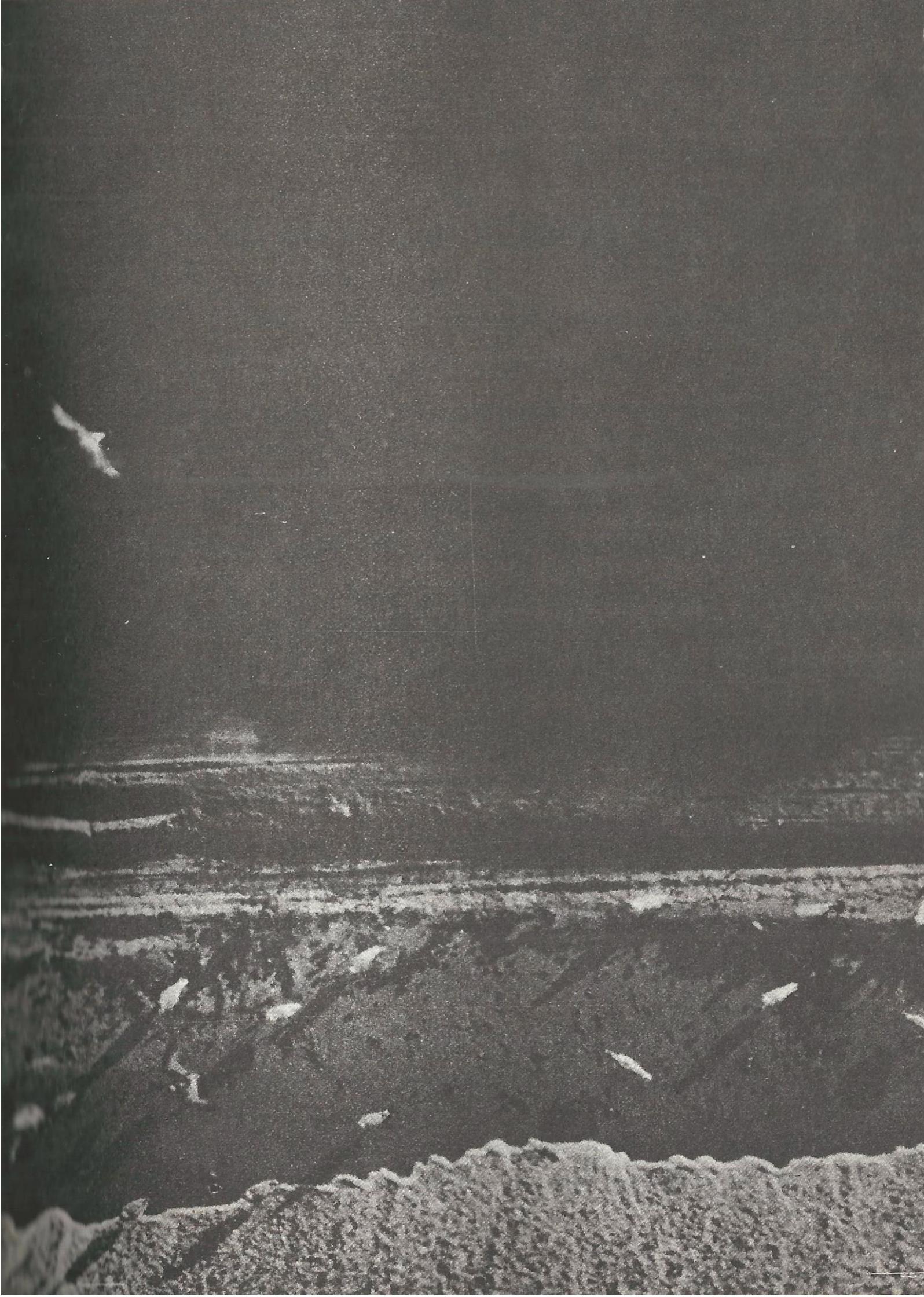
e da tempestade, por puro prazer, enquanto o bando se encolhia miseravelmente no solo.

Depois dos treinos, os alunos descansavam na areia, e, com o tempo, começaram a prestar mais atenção a Fernão. Embora este tivesse algumas idéias loucas que não entendiam, tinha outras muito boas, que conseguiam apreender.

Gradualmente, à noite, começou a formar-se outro círculo à volta do dos alunos — um círculo de gaivotas curiosas que escutavam durante horas a fio, desejando não ver nem ser vistas por outras e desvanecendo-se na meia-luz que antecede a aurora.

Foi um mês depois do Regresso que a primeira gaivota do bando venceu a barreira e pediu para aprender a voar. Ao fazê-lo, Te-seu Sousa Gaivota passou a ser um pássaro





condenado, portador de uma etiqueta que dizia: “Banido”. E passou também a ser o oitavo aluno de Fernão.

Na noite seguinte foi Virgílio Gaivota quem deixou o bando. Aproximou-se cambaleante, arrastando a asa esquerda pela areia, e caiu aos pés de Fernão.

— Ajude-me — pediu-lhe baixinho, com a voz daqueles que estão morrendo. — Mais do que tudo no mundo eu quero voar . . .

— Nesse caso, venha — disse Fernão. — Eleve-se comigo e comecemos.

— Você não compreende . . . A minha asa. Não consigo mexê-la.

— Virgílio Gaivota, você tem liberdade de ser você mesmo, de ser o seu próprio eu, aqui e agora, e não há nada que possa inter-

por-se no seu caminho. Essa é a lei da Grande Gaivota, a lei que é.

— Você quer dizer que eu posso voar?

— Digo que você é livre.

Tão simples e rapidamente como fora dito, Virgílio Gaivota abriu as asas, sem esforço, e rasgou o ar negro da noite. A cento e cinquenta metros de altura, gritou o mais alto que pôde e o seu grito arrancou o bando do sono que o entorpecia.

— Eu posso voar! Ouçam! EU POSSO VOAR!

Quando o sol surgiu no horizonte, havia quase mil pássaros em volta do círculo de alunos, olhando curiosamente para Virgílio. Pouco lhes importava serem vistos ou não, e escutavam, tentando compreender, Fernão Gaivota.

Falou de coisas muito simples — que as gaiivotas têm o direito de voar, que a liberdade é própria da sua natureza, que todo aquele que se oponha a essa liberdade deve ser posto de parte, quer a oposição seja motivada por ritual, superstição ou limitação sob qualquer forma.

— Pôr de parte? — gritou uma voz entre a multidão. — Mesmo se for a lei do bando?

— Só a lei que conduz à liberdade é verdadeira — disse Fernão. — Não há outra.

— Como você pode esperar que voemos como você? — interrogou outra voz. — Você é especial, dotado e divino, muito acima dos outros pássaros.

— Olhem para Francisco! Teseu! Rolando! São também especiais, dotados e divinos? Não mais do que vocês, não mais do que eu.



nhã, depois do treino de velocidade avançada.

Fernão suspirou. “O preço de ser incompreendido”, pensou. “Ser classificado de diabo ou de deus.”

— E você, o que pensa, Chico? Estamos avançados em relação ao nosso tempo?

Houve um longo silêncio.

— Bem, esta maneira de voar sempre esteve ao alcance de quem a quisesse descobrir. Não tem nada a ver com o tempo. Talvez estejamos avançados em relação à moda. Avançados em relação à maneira como voa a maior parte das gaivotas.

— Isso já é qualquer coisa . . . — disse Fernão, virando o corpo de modo a deslizar de costas por algum tempo. — É bem melhor

do que estar avançado em relação ao nosso tempo.

Aconteceu precisamente uma semana depois. Francisco estava demonstrando os elementos do vôo a alta velocidade a uma classe de novos alunos. Acabava de sair de um mergulho de dois mil metros, um longo rasto cinzento desviando-se do mergulho a alguns centímetros da areia e voltando, quando uma gaivota que voava pela primeira vez entrou diretamente no seu caminho, chamando pela mãe. Dispondo apenas de um décimo de segundo para se desviar do novato, Francisco Coutinho Gaivota atirou-se violentamente para a esquerda, a qualquer coi-

sa parecida com trezentos quilômetros por hora, contra um rochedo de sólido granito.

Para ele foi como se a rocha fosse uma porta dura e gigantesca para um outro mundo. Sentiu-se invadido por uma onda de medo, de choque e de escuridão quando se chocou. Depois, flutuou num céu estranho; estranhíssimo, esquecendo, lembrando, esquecendo; com medo, dor e tristeza, uma imensa tristeza.

A voz chegou-lhe como no primeiro dia em que encontrara Fernão Capelo Gaivota.

— O truque, Chico, é que devemos tentar ultrapassar as nossas limitações progressiva e pacientemente. Voar através de rochas já faz parte de um programa mais avançado.

— Fernão!



— Também conhecido por filho da Grande Gaivota — comentou o seu instrutor zombeteiramente.

— O que você faz aqui? A rocha! Eu não... não... morri?

— Oh! Vamos, Chico, pense. Se você está falando comigo neste momento é porque, como é óbvio, não morreu, não acha? O que você conseguiu fazer foi modificar o seu nível de consciência de modo um pouco brusco. Agora você tem a liberdade de escolher: ou ficar aqui e aprender neste nível, que, a propósito, é bem mais evoluído do que o que você deixou, ou regressar e continuar trabalhando com o bando. Os mais velhos estavam ansiosos por que se desse um desastre qualquer, mas estão fora de si pela maneira como você conseguiu satisfazê-los.

— Quero voltar para o bando, é claro. Mal comecei a treinar o novo grupo!

— Muito bem, Francisco. Você se lembra do que dissemos acerca de o nosso corpo não ser mais do que o próprio pensamento . . . ?

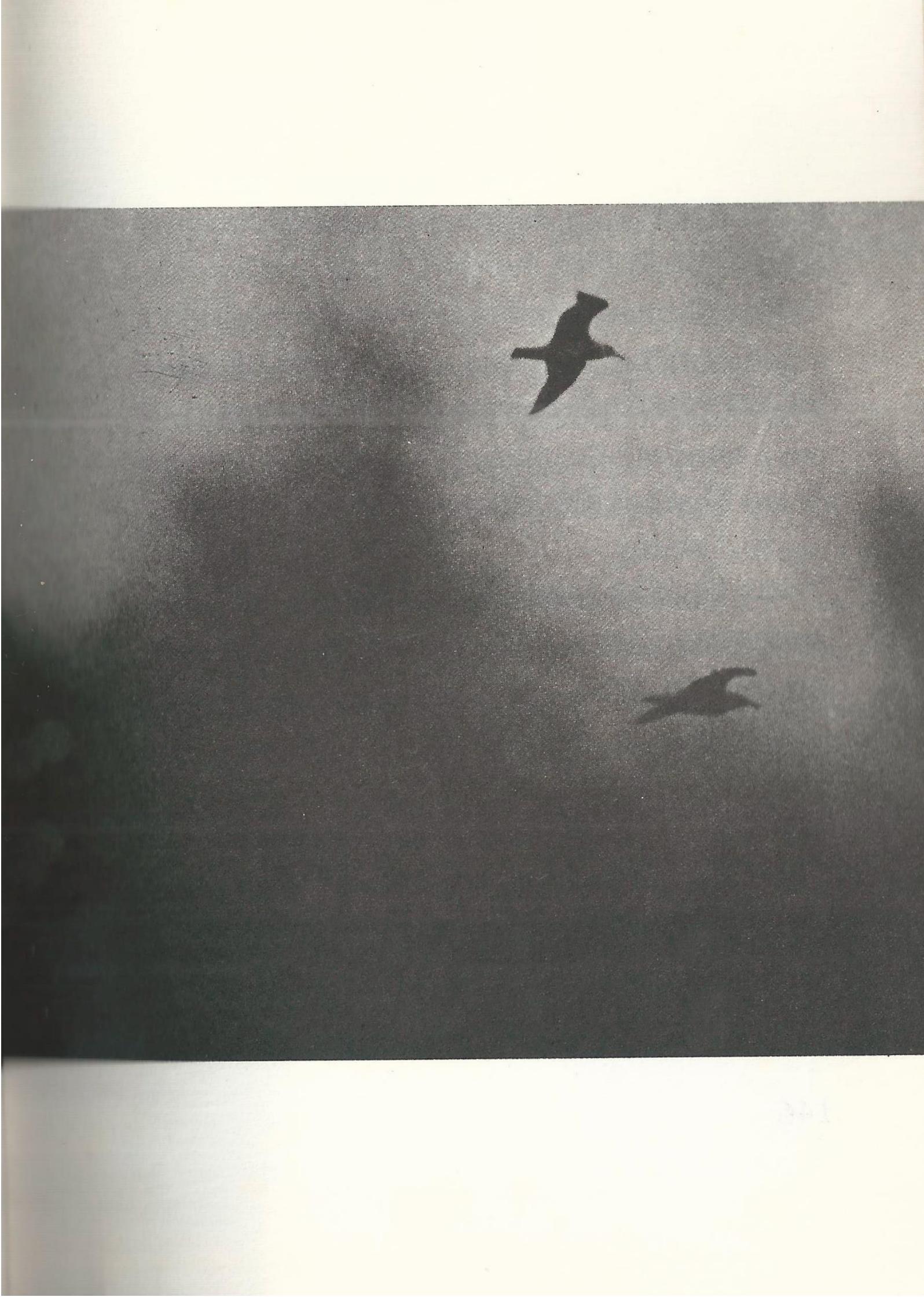
Francisco abanou a cabeça, abriu as asas e descerrou os olhos, junto da base do rochedo onde se juntara todo o bando. Da multidão ergueu-se um enorme clamor de gritos e guinchos quando o viram mexer-se pela primeira vez.

— Está vivo! Estava morto e vive!

— Tocou-o com a ponta de uma asa! Trouxe-o à vida! É o filho da Grande Gai-vota!

— Não, ele o nega! É o Demônio! O DE-





MÔNIO! Veio para semear a discórdia entre o bando!

Havia quatro mil gaivotas na multidão, amedrontadas pelo que acontecera, e o grito DEMÔNIO! percorreu-as como o vento de uma tempestade marítima. De olhos vidrados e bico afiado, avançaram unidas, prontas a destruir.

— Você se sentiria melhor se partíssemos, Francisco? — perguntou Fernão.

— Não poria muitas objeções se o fizéssemos . . .

Instantaneamente, fixaram-se ambos a oitocentos metros e os bicos vibrantes da multidão fecharam-se no vazio.

— Por que será — interrogou-se Fernão — que a coisa mais difícil do mundo é convencer um pássaro de que é livre e de que

pode prová-lo a si próprio se se dedicar a treinar um pouco? Por que será tão difícil?

Francisco ainda pestanejava devido à mudança de cenário.

— O que é que você fez? Como é que viemos parar aqui?

— Você não disse que queria sair do meio da multidão?

— Disse, mas como é que você . . .

— Como todo o resto, Francisco. Treino.

Quando a manhã surgiu, o bando já esquecerera a sua loucura. Mas Francisco recordava.

— Fernão, você se lembra do que disse, há já muito tempo, acerca de amar o bando o bastante para voltar a ele e ajudá-lo a aprender?

— Claro que me lembro!

— Não compreendo como você consegue amar um punhado de pássaros que acabam de tentar matá-lo.

— Oh! Chico! Não é isso que você ama! Você não ama o ódio e o inferno, é claro. Você tem de treinar até ver a verdadeira gaivota, o que há de bom em cada uma delas, e ajudá-las a ver isso nelas próprias. Para mim, o amor é isso. Quando você conseguir compreender e pôr isso em prática, até achará divertido.

“Lembro-me de um jovem pássaro impetuoso, por exemplo, chamado Francisco Coutinho Gaivota. Acabava de ser banido; estava pronto a lutar com o bando até a morte e começou por construir o seu próprio inferno amargo nos domínios dos Penhascos Longínquos. E aqui está ele hoje, construindo

do o seu próprio paraíso em vez do inferno, e guiando todo o bando nessa direção.”

Francisco virou-se para o seu instrutor e houve um momento de medo no seu olhar.

— Eu, guiando-os? Que você quer dizer com isso? Você é o instrutor. Não pode ir-se embora.

— Acha que não? Você não julga que possa haver outros bandos, outros Franciscos, que necessitem mais de um instrutor do que este que se encaminha para a luz?

— Eu? Fernão, eu sou uma simples gaivota e você é . . .

— . . . o próprio filho da Grande Gaivota, suponho? — Fernão suspirou e olhou o mar. — Você já não precisa de mim. Precisa continuar descobrindo, pouco a pouco, todos os dias, o verdadeiro e ilimitado Francisco

Gaivota. É ele o seu melhor instrutor. Você precisa compreendê-lo e treiná-lo.

Um momento depois, o corpo de Fernão começou a estremecer no ar, a ficar brilhante e a tornar-se transparente.

— Não os deixe espalhar boatos a meu respeito ou fazerem de mim um deus. De acordo, Chico? Eu sou uma gaivota que gosta de voar, talvez . . .

— FERNÃO!

— Pobre Chico! Não creia no que os seus olhos lhe dizem. Tudo que mostram é limitação. Olhe com o entendimento, descubra o que você já sabe e verá como voar.

O brilho extinguiu-se. Fernão Gaivota desapareceu no ar.

Passado um bocado, Francisco Gaivota arrastou-se para o céu e encontrou-se face a

face com um novo grupo de alunos, desejosos de ter a sua primeira lição.

— Para começar — disse Francisco pesadamente —, têm de compreender que uma gaivota é uma ilimitada idéia de liberdade, uma imagem da Grande Gaivota, e todo o corpo de vocês, da ponta de uma asa à ponta da outra, não é mais do que o próprio pensamento de vocês.

As jovens gaivotas olharam-no interrogativamente. “Isso não parece uma regra do ‘loop’!”, pensaram.

Francisco suspirou e recomeçou.

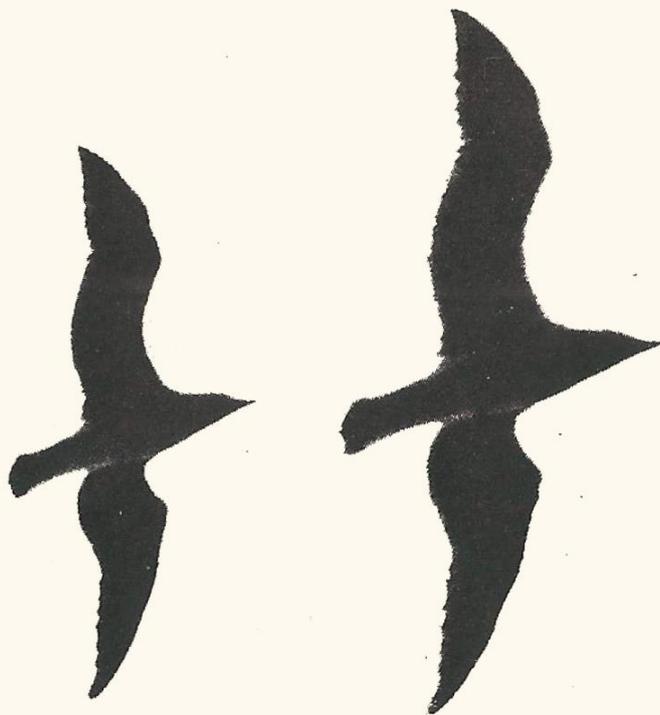
— Hum . . . muito bem . . . Vamos começar com o vôo planado — disse-lhes, observando-os com ar de crítica.

Mas, ao dizer isso, compreendeu de súbito . . .

que o seu amigo não fora mais divino do que ele próprio.

“Não há limites, Fernão!?” , pensou. “Bem, então não está longe o dia em que aparecerei na sua praia e lhe mostrarei uma ou duas coisas acerca de vôo!”

E embora tentasse mostrar-se severo com os seus alunos, Francisco Gaivota viu-os de repente como eram realmente, por um momento, e, mais do que gostou, amou o que viu. “Não há limites, Fernão?” , pensou, e sorriu. A sua corrida para a aprendizagem acabava de começar.







**A História de
FERNÃO CAPELÃO GAIVOTA**

Autor: RICHARD BACH

EDITORA DIGITAL

"ÁGUA PRECIOSA"

Telefone: 923 407 949

Projecto gráfico

Belson Pedro Raimundo Hossi



Todos os direitos desta obra reservados a

RICHARD BACH

Este E-book está protegido por

Leis de direitos autorais na "**CPLP**" "**SADC**" e "**PALOP**"

=====

"CPLP" COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

"SADC" COMUNIDADE DOS PAÍSES DA ÁFRICA AUSTRAL

"PALOP" PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA

Esta obra está sob uma Licença Commons.

Você pode copiar, distribuir, exibir, desde que

Seja dado crédito aos autores originais –

Não é permitido modificar esta obra.

Não pode fazer uso comercial desta obra.

Não pode criar obras derivadas.

A responsabilidade

Pelos textos, músicas e imagens

É exclusivamente do Autor.

UM HINO À LIBERDADE

Para as pessoas que inventaram
as suas próprias leis
quando sabem ter razão;
para as que têm um prazer especial
em fazer coisas bem feitas,
nem que seja só para elas;
para as que sabem que a vida
é algo mais do que aquilo
que os nossos olhos vêem

...FERNÃO CAPELO GAIVOTA

é uma história com sentido.
Para todas as outras,
ela será na mesma uma aventura
sobre a liberdade e o voo
para além de limites provisórios.